



**PATRIMÔNIO GEOLÓGICO
E GEOCONSERVAÇÃO**

**ROTEIRO 8:
BRASÍLIA – Luziânia/GO**



Geólogo JOSÉ MAURO MARTINI



ÍNDICE

I	- INTRODUÇÃO.....	4
II	- PROGRAMAÇÃO	5
III	- RECOMENDAÇÕES GERAIS AO ROTEIRO	6
IV	- PONTOS DE PARADA	7
	PONTO 1 (GEOSSÍTIO 03)	7
	PONTO 2 (GEOSSÍTIO 68)	8
	PONTO 3 (GEOSSÍTIO 69)	9
	PONTO 4 (GEOSSÍTIO 72)	10
	PONTO 5 (GEOSSÍTIO 71)	11
	PONTO 6 (GEOSSÍTIO 66)	12
	PONTO 7 (GEOSSÍTIO 67)	13
	PONTO 8 (GEOSSÍTIO 73)	15
	PONTO 9 (GEOSSÍTIO 70)	16
V	- MEDIDAS DO TEMPO GEOLÓGICO E HISTÓRICO	17
VI	- CARTOGRAFIA HISTÓRICA DO DF E ENTORNO.....	19
VII	- DESCRIÇÃO GERAL DO ROTEIRO	22
VIII	- REGISTRO FOTOGRÁFICO ILUSTRATIVO	32
IX	- RECONHECIMENTOS	33
	- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
	- GLOSSÁRIO.....	38
	- APÊNDICE A : GEOSSÍTIOS.....	40



I – INTRODUÇÃO

O roteiro incorpora nove paradas, destacando peculiaridades da geologia, do processo de ocupação do planalto central e da implantação de Brasília. Os geossítios encontram-se dispersos no perímetro do DF e nos municípios de Cidade Ocidental, Luziânia e Santo Antônio do Descoberto, no estado de Goiás. A programação compreende um dia de atividades, com percurso ida e volta de 331 quilômetros. No trajeto se encontram lojas de conveniência e pontos de apoio, no entanto, é recomendável levar suprimentos básicos.

Os pontos de parada se encontram georreferenciados, podendo ser visualizados em imagens *Google Maps* e, assim, relacioná-los ao guia rodoviário do usuário. Ao contexto geológico do local de visita, recomendamos consultar as fichas descritivas disponíveis no Apêndice A, onde o mapa e a imagem aérea estão recortados. Ressaltamos que foram utilizados como referência neste roteiro o Mapa Geológico do DF (Escala 1:100.000) e o Mapa Geológico do Estado de Goiás (Escala 1:500.000).

Neste roteiro são poucas as peculiaridades do meio geológico/geomorfológico disponíveis na literatura, ênfase é adotada aos registros de ocupação histórica e pré-histórica. As atividades garimpeiras que existiram no período colonial representaram as principais frentes de ocupação da Província de Goiás, dando origem ao denominado arraial Santa Luzia, atual sede municipal de Luziânia, e à sede municipal de Santo Antônio do Descoberto. Esses locais são também descritos pelos naturalistas Johann Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire em suas viagens no início do século XIX.

Outros pontos de interesse se tratam da oficina lítica (Geossítio 71), o Rego Saia Veia (Geossítio 68) e o Quilombo Mesquita (Geossítio 72), sendo este último o local que abrigava uma comunidade de escravos do período colonial que serviam aos trabalhos de garimpagem no rio Vermelho em Luziânia. Também merece destaque à visita a Casa de Cultura em Luziânia e à fazenda Macacos, essa última localizada no interior do município de Santo Antônio do Descoberto, que serviu de abrigo ao naturalista Auguste de Saint-Hilaire quando de sua viagem à região no ano 1820.

Os pontos de parada foram escolhidos de acordo com sua relevância e representatividade. Em relação às informações demonstradas na cartografia histórica da Província de Goiás do século XVIII, obtida a partir do Mapa Geral da Capitania, elaborado por Tosi Colombina em 1751, e do Mapa dos Julgados, elaborado pelo Sargento-Mor Tomás de Souza em 1778, verifica-se que ocorriam nesse período inúmeros caminhos que serviam de entrada ao atual perímetro do DF, ligando também os arraiais Meia-Ponte (Pirenópolis/GO) e Couros (Formosa/GO), no entanto, não se encontram mais preservados.

II – PROGRAMAÇÃO

O roteiro compreende 1 (um) dia de atividades:

DIA	TRECHO (1*) PERCORRIDO	HORA	PROGRAMAÇÃO / GEOSSÍTIOS
1	Início	08:00 hs.	RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO
	12,6 km	08:30 – 08:45 hs.	Ponto 1
	48,5 km	09:45 – 10:00 hs.	Ponto 2
	2,56 km	10:00 – 10:15 hs.	Ponto 3
	26,3 km	11:00 – 11:15 hs.	Ponto 4
	71,2 km	12:15 – 12:30 hs.	Ponto 5
	INTERVALO		
	20,9 km	13:30 – 13:45 hs.	Ponto 6
	9,10 km	14:15 – 14:30 hs.	Ponto 7
	38,4 km	15:15 – 15:30 hs.	Ponto 8
	71,9 km	16:30 – 16:45 hs.	Ponto 9
	Retorno: 30 km	17:45 hs.	CHEGADA AO PLANO PILOTO
	DISTÂNCIA PERCORRIDA (ida e volta): 331 km.		

(1*) A distância e trajeto rodoviário aproximado pode ser acompanhado no Google Maps.



III – RECOMENDAÇÕES GERAIS AO ROTEIRO

Os trabalhos de campo são realizados em condições ambientais muito variadas, exigindo cuidado para evitar acidentes. Fique atento à queda de rochas nos taludes e evite fazer trilhas em local de difícil acesso.

Em cada parada, quando houver acompanhamento de um instrutor, é recomendável que se contextualize o ambiente local, demonstrando a relevância do geossítio e eventuais detalhes a serem observados para a discussão final. É aconselhável que se acompanhe atentamente as instruções para melhor desempenho das atividades.

Alguns pontos de parada estão localizados em domínio privado (Geossítio 66 e Geossítio 71). Os proprietários permitem gentilmente o acesso apenas no dia da excursão. Comporte-se como hóspede, deixando os portões fechados e não subindo em cercas.

Atender também as seguintes recomendações:

- a. Cuidado com as paradas e deslocamentos ao longo da rodovia;
- b. Levar água, repelente, protetor solar e chapéu de aba larga com bandana;
- c. Utilizar calça comprida, de preferência com cores claras (permite observar carrapatos). Não use sandálias e shorts;
- d. Em períodos de chuva, utilizar capa e calçados impermeáveis; e) – Recomenda-se levar caderno de anotações e máquina fotográfica.



IV – PONTOS DE PARADA

PONTO 1 (GEOSSÍTIO 03)

Coordenadas UTM: 183.186 – 8.244.263 (23L)

1 • Localização: Perímetro urbano de Brasília (rodovia BR-040) – Museu da Memória Candanga.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Antigo acampamento utilizado no período de construção da capital, sendo atualmente transformado no Museu Vivo da Memória Candanga;
- ii. No local se encontra o acervo com dezoito edificações históricas, peças e fotos da época da construção da capital.



Registro Fotográfico Ponto 1

4 • Questões

• Avaliando o período de ocupação colonial na região, você considera que o passado do DF possui muitos registros preservados? A construção de Brasília foi executada pelo governo central. No entanto, podemos considerar que o projeto transferência da capital se constituiu de uma iniciativa de muitos idealizadores?

• Pelos registros de uso e ocupação do solo na Capital atualmente observados você considera que foram atendidas as diretrizes do projeto urbanístico concebido pelo arquiteto Lúcio Costa? De onde surgiu a denominação geográfica de “planalto central” para esta região?

• A distribuição de sesmarias, e a consequente constituição de fazendas, foi o ponto de partida para a intensificação da ocupação do planalto central e do DF. Como era feita a distribuição destas áreas pelo Governo Provincial?

• Pelo menos 3 ciclos são considerados importantes para a ocupação dessa porção do planalto central: a mineração, a pecuária e a agricultura extensiva, e o surgimento da capital. Decorrente deste último processo, você considera que houve desenvolvimento social para a região ou a ocupação trouxe desigualdades?

PONTO 2 (GEOSSÍTIO 68)

Coordenadas UTM: 183.312 – 8.202.161 (23K)

1 • Localização: Rego Saia Velha – Luziânia/GO.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Remanescente do antigo canal de água construído no século XVIII;
- ii. Registros históricos do período colonial relatados pelo naturalista Auguste de Saint-Hilaire;
- iii. A utilização de fotografias aéreas para desvendar o processo de ocupação do DF.



Registro Fotográfico Ponto 2

4 • Questões

- O objetivo de construir o rego saia velha, trouxe resultados positivos às atividades garimpeiras do período colonial?
- O canal se encontra parcialmente preservado em alguns trechos. A que se deve à falta de preservação desta estrutura? A inserção deste registro histórico em um plano de gestão do patrimônio natural e cultural poderia contribuir para sua preservação?
- Observando intervalos preservados do canal em imagem aérea, constata-se que se utilizou parte das vertentes íngremes que compreendem a chapada de Luziânia. Considerando os critérios técnicos apurados à sua elaboração, bem como a demanda de tempo à construção, podemos considerar que se trata de um marco da engenharia do período colonial?

PONTO 3 (GEOSSÍTIO 69)

Coordenadas UTM: 184.895 – 8.201.390 (23K)

1 • Localização: Igreja do Rosário – Luziânia/GO.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário;
- ii. Registros históricos do período de formação do arraial Santa Luzia;
- iii. Picadas e estradas reais d Província de Goiás no período colonial.



Registro Fotográfico Ponto 3

4 • Questões

- Podemos considerar que o surgimento dos atuais municípios de Pirenópolis, Luziânia e Formosa são advindos da ocupação do planalto central no período de descoberta do ouro? Quais atividades econômicas prosperaram nestes locais após o ciclo do ouro?
- Os relatos dos naturalistas Auguste de Saint-Hilaire e Johann Emanuel Pohl tiveram importância crucial ao estudo da história brasileira do período colonial desta região. Quais outros legados foram deixados por estes viajantes?
- A descrição que Saint-Hilaire fez de Santa Luzia e entorno em sua viagem de 1819, pode ser utilizada como registro do modo de vida da população e do meio físico-biótico da região?
- A Capitania de Goiás entrou em crise econômica após o ciclo do ouro que se prolongou também ao período imperial. Como se estabeleceu o modo de vida da população e dos escravos após o ciclo do ouro?

PONTO 4 (GEOSSÍTIO 72)

Coordenadas UTM: 193.180 - 8.220.288 (23K)

1 • Localização: Comunidade Quilombola Mesquita - Cidade Ocidental/GO.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Formação da comunidade Quilombola Mesquita no século XIX;
- ii. Registros da produção aurífera no Arraial Santa Luzia no século XVIII;
- iii. Uso e ocupação do solo da região pelos remanescentes do período da escravidão.



Registro Fotográfico Ponto 4

4 • Questões

- Em 1763, o povoado Mesquita possuía cerca de 20 mil habitantes, sendo ocupado por aproximadamente 13 mil escravizados que trabalhavam na mineração. Qual a principal atividade hoje exercida na comunidade quilombola pelos descendentes daquele período?
- O que tornava onerosa a vida e o comércio nos antigos arraiais onde se produzia o ouro? O processo desencadeado pela busca do ouro propiciou o incremento da escravidão na região?
- No auge da mineração, em muitas localidades de produção aurífera, a coroa portuguesa proibia o plantio de determinados gêneros, como a cana-de-açúcar, visando a não concorrência da mão de obra voltada à produção aurífera. Estas circunstâncias induzem que toda a atividade de mineração era conduzida pelos escravos?
- Com a redução da produção do ouro, os aventureiros e os proprietários de escravos começaram a deixar a região, dando origem a povoados abandonados. De que forma se deu a passagem para outras atividades econômicas? Para onde se deslocou a população de escravos?

PONTO 5 (GEOSSÍTIO 71)

Coordenadas UTM: 200.440 – 8.247.295 (23L)

1 • Localização: Oficina Lítica – Perímetro urbano de Brasília.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Características de uso e ocupação do sítio arqueológico Ville de Montagne II;
- ii. Artefatos e ferramentas líticas coletadas no local;
- iii. Processos de ocupação da região no período pré-histórico e histórico.



Registro Fotográfico Ponto 5

4 • Questões

- Os registros de uso das rochas como ferramentas por povos ancestrais são evidentes neste afloramento. De que forma foram utilizados estes artefatos? Os museus têm em seu acervo amostras de minerais e rochas com diferentes características. Examinando o material lítico utilizado pelos ancestrais, você observou artefatos semelhantes nos locais onde já visitou? Que outros objetos utilizados pelos ancestrais podem ser encontrados nestes sítios?

- Quando se examinam as superfícies rochosas fraturadas, constata-se as características primárias dos constituintes minerais ainda preservados. Com o seu olhar, algum mineral pode ser identificado nestas superfícies? Com base nas observações e características, podemos classificar a rocha do local?

- Existem inúmeros registros arqueológicos no DF, outros tantos ainda não descobertos, no entanto, poucos estudos comparativos com outras ocupações foram realizados. Quais características de determinado sítio arqueológico se considera relevante para constatar ocupações pré-históricas prolongadas em um mesmo local?

PONTO 6 (GEOSSÍTIO 66)

Coordenadas UTM: 209.997 – 8.259.118 (23L)

1 • Localização: Fazenda Velha/Cruls – Perímetro urbano de Brasília.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Processo construtivo da moradia da Fazenda Velha;
- ii. Acervo de objetos e documentos da Comissão Cruls existentes no local;
- iii. Demarcação dos limites do DF e registros descritivos do Relatório da Comissão de 1894.



Registro Fotográfico Ponto 6

4 • Questões

• Dentre as motivações que levaram à construção de Brasília, qual razão você considera preponderante à implantação em uma área do planalto central? No seu entendimento, o objetivo seria tentar apagar os vestígios da dominação portuguesa existentes no Rio de Janeiro ou a ideia era promover o desenvolvimento econômico da porção centro-norte do país?

• A mudança da capital federal à região do planalto central tinha previsão legal nas Constituições de 1891, 1934, 1937 e 1947. O que de fato deflagrou em definitivo a instalação da capital nos anos 1950?

• Em que pese a viabilização da capital se dar de fato a partir dos trabalhos da Comissão Cruls em 1892 e 1894, não se pode desconsiderar a indicação inicial de Visconde de Porto Seguro e outros ilustres brasileiros ao propósito da mudança. Do exposto, não seria plausível considerar que a capital federal se constitui em uma proposta de múltiplos interesses pessoais, com objetivos distintos e de decisão governamental?

PONTO 7 (GEOSSÍTIO 67)

Coordenadas UTM: 212.811 – 8.264.048 (23L)

1 • Localização: Monumento Pedra Fundamental – Planaltina.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Instalação da Pedra Fundamental em 1922;
- ii. Proposta de interiorização da capital federal no período colonial a partir dos relatos de Marquês de Pombal;
- iii. Registros descritivos da Comissão Cruls, Djalma Polli Coelho e Relatório Belcher para a demarcação do DF.



Registro Fotográfico Ponto 7

4 • Passagens Históricas Relevantes

- **Ano 1813** – Hipólito José da Costa publica no Correio Braziliense sua primeira defesa à transferência da Capital para o interior central.
- **Ano 1821** – José Bonifácio, o Patriarca da Independência, propõe instalar, na latitude aproximada de 15º, uma cidade central para a Corte Portuguesa, sugerindo o nome de Brasília.
- **Ano 1877** – Francisco Adolfo Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, inicia pesquisas in loco e sugere que a Nova Capital na vizinhança do Planalto Central Brasileiro.
- **Ano 1883** – Dom Bosco, padre italiano fundador da Ordem dos Salesianos, tem um sonho profético, no qual prevê o surgimento de rica e próspera civilização entre os paralelos 15º e 20º, onde Brasília está atualmente inserida.
- **Ano 1891** – A Constituição da República de 1891 determina a criação de uma zona de 14.400 km². para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.
- **Ano 1891** – Presidente Floriano Peixoto estabelece a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo engenheiro e astrônomo belga Luiz Cruls, para a demarcação.

- **Ano 1893** – A área sugerida pela Comissão recebe o nome de Quadrilátero Cruls e aparece pela primeira vez no Mapa do Brasil com a inscrição de “Futuro Distrito Federal”.
- **Ano 1922** – O Presidente Epitácio Pessoa lança a Pedra Fundamental da Nova Capital.
- **Ano 1955** – O candidato à Presidência da República Juscelino Kubitschek, durante o seu primeiro comício, em Jataí/GO, promete construir a Capital no Planalto Central.
- **Ano 1956** – JK é eleito, criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, e determinando a publicação do edital do concurso do Plano Piloto de Brasília.
- **Ano 1957** – Lúcio Costa, arquiteto e urbanista, vence o concurso público apresentando o Plano Piloto de Brasília. O projeto é escolhido dentre 25 concorrentes.
- **Ano 1960** – Em 21 de abril, Brasília é inaugurada após 3 anos e 4 meses de construção.



PONTO 8 (GEOSSÍTIO 73)

Coordenadas UTM: 189.601 – 8.266.626 (23L)

1 • Localização: Estrada Real de Contagem – Sobradinho.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Antigos caminhos e trilhas com a denominação de Estrada Real reconhecidos no DF.
- ii. Processos de ocupação da Província de Goiás a partir do relato de naturalistas do século XIX;
- iii. Registros materiais e cartográficos no Parque Nacional de Brasília e Reserva Biológica de Contagem.



Registro Fotográfico Ponto 8

4 • Questões

• A reconstituição da história do DF em tempos que antecederam sua implantação atesta que o planalto central não era um vazio demográfico. Como se deu a ocupação da região no período pré-histórico e histórico? Qual atividade econômica sustentava os habitantes locais no período anterior à construção da capital?

• A produção do ouro da região em parte ficava no Brasil, dando origem à relativa riqueza local. Outra parte seguia para Portugal, onde era consumida pelo reinado de Dom João V ou, ainda, acumulada pelo reinado da Inglaterra. Como a Coroa Portuguesa controlava a produção de ouro na colônia? O que representavam os Postos de Contagem instalados nas estradas reais da antiga Província de Goiás?

• O posto fiscal conhecido como Contagem de São João das Três Barras, localizado no perímetro do DF, representava um ponto de coleta de impostos para a Coroa Portuguesa. Qual a estratégia utilizada pela Coroa para instalá-lo no local em que se situa a atual Unidade de Conservação Rebio da Contagem?

PONTO 9 (GEOSSÍTIO 70)

Coordenadas UTM: 193.844 – 8.235.573 (22L)

1 • Localização: Igreja de Pádua – Santo Antônio do Descoberto/GO.

2 • Tempo de Parada: 15 minutos.

3 • Enfoque:

- i. Processo histórico de ocupação e fundação de Santo Antônio do Descoberto/GO. Viajantes e naturalistas;
- ii. Registros de atividades garimpeiras de ouro neste local;
- iii. Caminhos e trilhas do período colonial em registros cartográficos;



Registro Fotográfico Ponto 9

4 • Questões

- Qual a importância das concessões de terras dadas pelo governo Provincial, denominadas sesmarias, ao desenvolvimento dos arraiais do século XVIII? A localidade do Plano de Brasília foi contemplada com alguma concessão neste período?
- Além da busca das fontes de consultas primárias da Província de Goiás, obtidas no Arquivo Histórico Ultramarino Português, que outras referências os historiadores dispunham para desvendar o passado desta região?
- O que representou a criação da capitania de Goyaz em 1748 à expansão das fronteiras do Brasil colonial? De que forma se deu a conquista de novos territórios? Os registros cartográficos desta região foram contínuos ou fragmentados para demonstrar estas mudanças de ocupação territorial no período colonial?

V – MEDIDAS DO TEMPO GEOLÓGICO E HISTÓRICO

O tempo geológico compreende uma escala cronológica medida em milhões/bilhões de anos demonstrando as fases e processos de surgimento, formação e transformação do planeta terra que teve origem há aproximadamente 4,6 bilhões de anos. Por outro lado, o tempo pré-histórico e histórico fazem referência ao surgimento das civilizações humanas, compreendendo medidas de dezenas, centenas e até milhares de anos.

Figura 01: Escala do Tempo Geológico/Histórico com alguns eventos importantes de surgimento, formação e transformação do planeta.

Éons	Eras	Períodos	Início		Eventos de destaque
			Anos	Convertido para 24 h	
Fanerozoico	Cenozoica	Neogeno (Quaternário)	23.000.000	23:59:25	Surgimento do <i>Homo sapiens</i> ; Dobramentos modernos.
		Paleogeno (Terciário)	65.000.000	23:39:12	Divisão que dá origem aos continentes atuais.
	Mesozoica	Cretáceo	145.000.000	23:13:00	Extinção dos dinossauros.
		Jurássico	199.000.000	22:53:26	Divisão da Pangea em Laurásia e Gondwana.
		Triássico	251.000.000	22:41:30	Primeiros dinossauros; início da fragmentação da Pangea.
	Paleozoica	Permiano	299.000.000	22:29:00	Formação da Pangea; grande extinção permiana.
		Carbonífero	359.000.000	22:05:00	Primeiros répteis.
		Devoniano	416.000.000	21:48:48	Primeiros anfíbios.
		Siluriano	443.000.000	21:39:12	Primeiras plantas terrestres.
		Ordoviciano	488.000.000	21:18:24	Início da formação de grandes bacias sedimentares.
		Cambriano	542.000.000	21:05:55	Explosão cambriana.
Proterozoico			2.500.000.000	10:40:00	Primeiras algas fotossintéticas; formação dos maciços antigos.
Arqueano			3.850.000.000	3:44:00	Surgimento das primeiras formas de vida.
Hadeano			4.570.000.000	0:00:00	Anterior à solidificação da crosta terrestre.

Fonte: <https://www.professordegeografia.com.br/escala-geologica-de-tempo/>. Consulta efetuada em 13/02/2024.

Utilizando os princípios da estratigrafia, identificou-se que muitas camadas e tipos de rocha estão distribuídas em todo o mundo de maneira semelhante, permitindo, assim, construir a “coluna geológica” generalizada das relações de idade das rochas na crosta terrestre, principalmente aquelas onde ocorrem registros fossilíferos. Em relação às idades absolutas estabelecidas na coluna geológica, essas são determinadas pela relação do decaimento radioativo de determinados constituintes minerais da rocha.

Em todo o tempo geológico, as mudanças climáticas proporcionaram alterações na produção de sedimentos clásticos e nos padrões de sedimentação química. De modo geral, se considera que nos períodos de clima árido houve baixa produção de sedimentos, ressalva-se a formação de carbonatos e calcretes pedogênicos, sendo, ao contrário, a produção incrementada durante períodos prolongados de clima úmido. Em relação ao material transportado oriundo do intemperismo, se reconhece atualmente, por meio de experimentos em laboratório, que taxas de sedimentação podem ser classificadas como de alta ou baixa ordem, nesta última apresentando linhas de tempo preservadas nos perfis estratigráficos também de pequena espessura às quais são normalmente eliminadas do registro em rochas mais antigas devido a diagênese e litificação.

Até então, não foram realizadas investigações que abordem linhas do tempo detalhadas nas sequências sedimentares do Grupo Paranoá e do Grupo Bambuí, além de haver limitado entendimento sobre os mecanismos tectônicos e sua conformidade com as sucessões mapeadas. Usualmente, para o entendimento evolutivo dessas sequências, seria também necessário considerar a eventual uniformidade do regime de sedimentação e sua relação com o tempo geológico. Em outros ambientes melhor estudados, se tem conhecimento que os sistemas deposicionais, especificamente o costeiro e o marinho, são dinâmicos, tendo múltiplos fatores interdependentes no tempo e no espaço que afetam a sedimentação, como a morfologia costeira, batimetria e largura da plataforma.

As reconstruções paleoambientais são, portanto, complexas, afetadas ainda por agentes fluviais, reconhecidos em algumas sequências do Grupo Paranoá, que depositam sedimentos de natureza diferenciada a qualquer momento do ciclo sedimentar, sem envolver variações de correntes marítimas normalmente impulsionadas pelas marés ou geradas pelo desequilíbrio entre o espaço de acomodação decorrente da regressão e da transgressão marinha. Torna-se, assim, difícil realizar correlações locais e regionais precisas, ou mesmo tentar reconstruir a paleogeografia costeira de forma realista nas sequências até então mapeadas no DF.

Também, estas rochas pré-cambrianas não deixaram um amplo registro fóssilífero como aquelas de idade Fanerozoica, sendo a ocorrência de fósseis restrita às formas microscópicas, em grande parte relacionadas aos procariontes unicelulares e coloniais, vestígios (moldes) de invertebrados e icnofósseis, associadas preferencialmente às rochas do Grupo Bambuí do final do Proterozoico. Por outro lado, os estromatólitos ocorrem amplamente distribuídos em ambas as Unidades, servindo, de acordo com sua morfologia, para separar uma sequência da outra.

VI – CARTOGRAFIA HISTÓRICA DO DF E ENTORNO

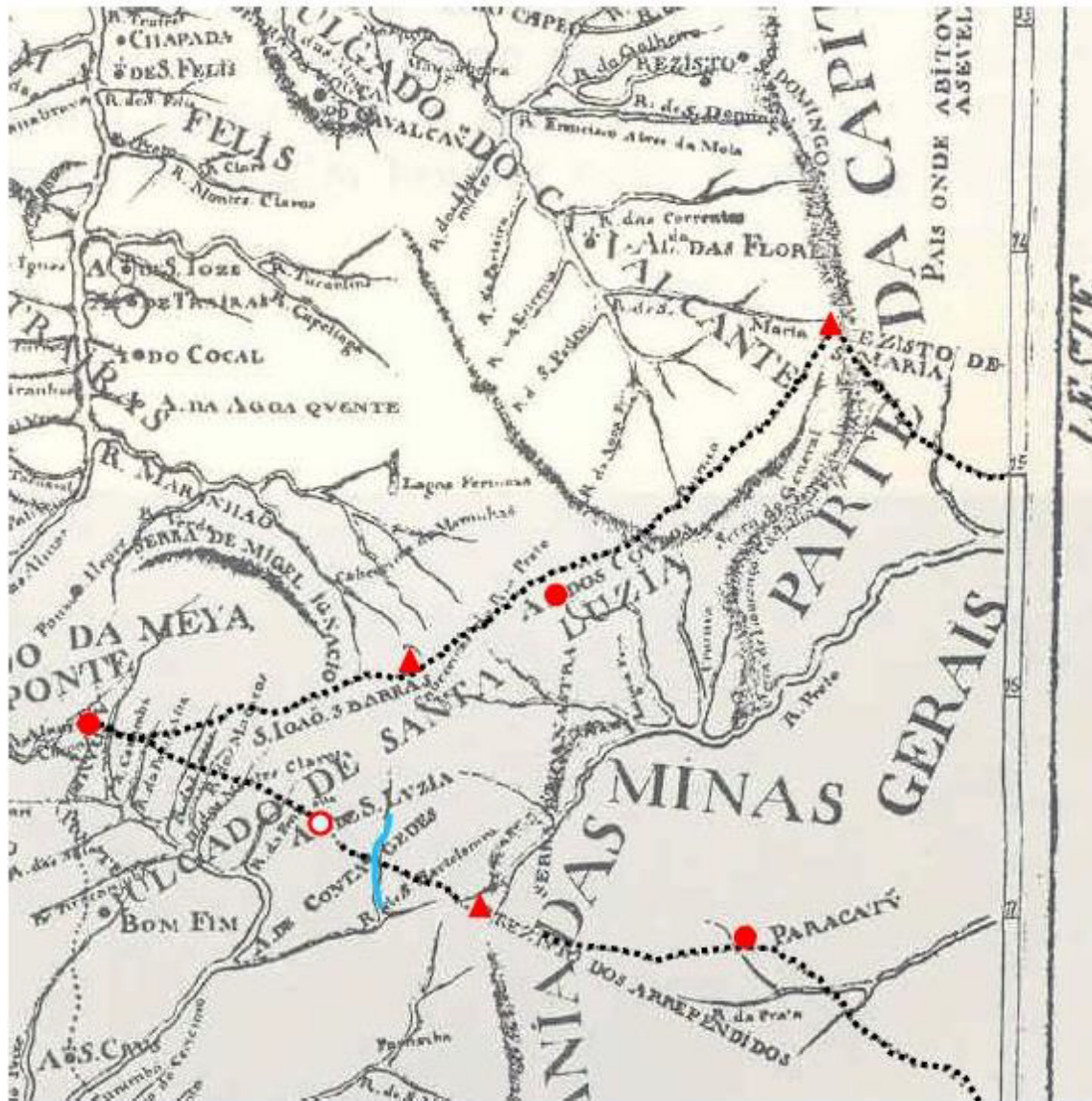
No período colonial, com a descoberta de riquezas minerais na Província de Goiás, a Coroa portuguesa buscou melhor conhecer e controlar as possessões, sendo então impulsionado o conhecimento da região por meio da elaboração de cartas que demonstrassem as feições marcantes do relevo, da hidrografia e o caminho para as vilas e arraiais existentes. Mapas foram então produzidos com rotas para as minas e à conquista e ocupação do planalto central e norte do Brasil.

Predominantemente, os produtos cartográficos foram elaborados por sertanistas ou mesmo cartógrafos trazidos pela Coroa para este propósito. Parte deste acervo ainda se encontra preservado em diferentes instituições de pesquisa, bibliotecas e museus, constituindo-se patrimônio de valor histórico inestimável. Não obstante as primeiras cartas elaboradas por João Teixeira Albernaz, por volta de 1675, na região do planalto central, já terem estabelecido os cursos dos rios Tocantins e Araguaia, o período de maior produção cartográfica na região coincide com o século XVIII e seguintes, onde se deu o ingresso do maior número de migrantes que se dirigiam principalmente para as Províncias de Mato Grosso e Goiás e, destas, para a Província do Grão-Pará, ao norte.

Inicialmente, os mapas eram caracterizados pela pobreza da qualidade cartográfica, frequentemente produzidos pela transmissão oral dos conhecimentos geográficos e, por outra, reservados unicamente ao conhecimento do Estado, que visava manter sigilo sobre as descobertas minerais. Soma-se a essas circunstâncias, o fato de muitos produtos serem destruídos por ordens régias.



Figura 02: Trechos da estrada real ligando a vila de Paracatú ao arraial Meia Ponte com o segmento da estrada real que seguia em direção à Bahia, obtido em fragmento do Plano Geográfico da Capitania de Goyas (Mapa dos Julgados produzido por Tomas de Souza em 1778).



Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6994>. Acesso em: 22 maio 2024.

Registros históricos demonstram que o território onde se localiza o DF já era cartografado desde o século XVII. No entanto, somente em 1725 esta região passou a ser tratada como as “minas dos Goyazes”. Este fato ensejou a vinda de especialistas em cartografia por interesse do Governador Geral da Província e, assim, deu-se início a produção intensiva de mapas. Neste período, registra-se a vinda de Francesco Tosi Colombina, cartógrafo italiano a serviço da Coroa Portuguesa, que produziu a carta da Capitania de Goiás e Mato Grosso em favor do então Capitão-General da Capitania de Goiás, Conde dos Arcos. Tal produção é considerada a mais detalhada obra cartográfica até então produzida naquele período.

Seguindo o curso do século XVIII, foi elaborada a Carta ou *Plano Geographico da Capitania de Goyas*, também denominado “Mapa dos Julgados”, sendo concluído por volta de 1778 pelo Sargento-Mor Tomás de Souza, após longas viagens pela Capitania, acompanhado às vezes pelo Governador José de Almeida. O mapa tinha o propósito de delimitar os “territórios municipais” da época. Sabe-se que esses Julgados foram criados ao sabor das circunstâncias, dependendo de sua importância demográfica e econômica, sendo posteriormente repartidos e ajustando-se conforme os acidentes geográficos, sobretudo rios e serras de maior envergadura. Em outras cartas deste período já se fazia também o uso da geometria, astronomia e dos cálculos das longitudes, que proporcionavam melhor detalhamento dos elementos espaciais.

Em relação ao estabelecimento do perímetro do DF, os trabalhos de campo realizados pela Comissão Exploradora do Planalto Central, chefiada por Luiz Cruls, nos anos 1892-1894, permitiram melhor posicionar os elementos geográficos na superfície, visto que resultaram do uso de parâmetros astronômicos, sendo este o trabalho precursor à determinação do primeiro perímetro da nova capital.

Quando da implantação da capital, que teve de fato início dos anos de 1950, novos produtos foram obtidos por J. Donald Belcher a partir de restituições aerofotogramétricas, constituindo-se também a denominada “Planta Índice Cadastral do novo Distrito Federal”, produzida pela Comissão de Cooperação criada pelo governo de Goiás, com o intuito de dar início as desapropriações para implantar o projeto urbanístico do arquiteto Lúcio Costa. Ressalta-se que estes produtos fotográficos são de domínio público, os quais também permitiram elaborar diferentes estudos comparativos sobre o uso e ocupação do solo da região em um contexto temporal.



VII – DESCRIÇÃO GERAL DO ROTEIRO

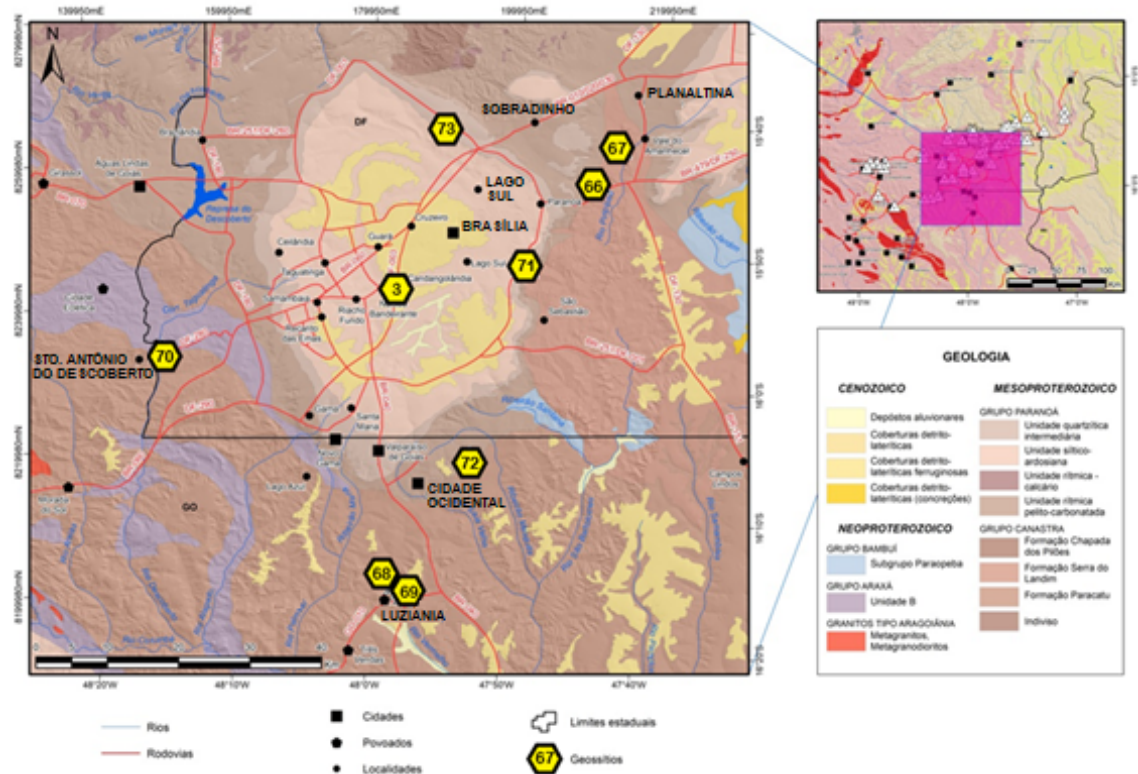
A região central de Brasília apresenta seu substrato constituído predominantemente por rochas do tipo ardósia e meta-argilitos, tendo uma feição geomorfológica de padrão dômico com caimento geral para leste-sudeste, estando o núcleo da estrutura localizado próximo ao morro do Cruzeiro, no eixo monumental. Nestas circunstâncias, os tributários do rio Paranoá – Córrego Torto, Bananal, Gama e Riacho Fundo apresentam um perfil de formato semianular quando observados em imagem aérea, tendo as ombreiras das chapadas que circundam um contorno semelhante. De modo geral, estas drenagens têm ocorrência de rápidos, corredeiras e quedas d'água, além de apresentarem regime perene, mantido pelas águas pluviais oriundas das superfícies mais elevadas e das surgências que ocorrem nos rebordos e nas vertentes laterais.

O trecho rodoviário da rodovia BR-040 que tem início no Plano Piloto e segue em direção a Luziânia está inserido neste domínio, caracterizado como planalto intermediário, apresentando em Brasília caimento suave da vertente em direção ao córrego Riacho Fundo, próximo ao aeroporto, a partir do qual o percurso acompanha os rebordos da chapada de Brasília até atingir as superfícies aplainadas de maior altimetria (1.085 metros), junto ao entroncamento com a rodovia DF-001. Em linhas gerais, a paisagem é ocupada pelo perímetro urbano do Gama em meio as áreas de domínio público pertencentes a Marinha do Brasil e ao Parque Ecológico Córrego da Onça, ambos com a vegetação do cerrado preservadas.

A Comissão Cruls em 1894, avaliando o meio físico da região, destacou a configuração das superfícies no DF e entorno, fazendo também referência específica à região do Gama: “[...] o chapadão levanta-se como verdadeiro tabuleiro, sobre uma base de altitude variável, no sentido E-W, entre 1.120 metros, no Chico Costa, 1.240 metros nas Três Barras e cerca de 1.100 metros na Contagem. No sentido N-S, continua, ao oriente, com o alto chapadão do Gama de 1.130 metros mais ou menos, compostos de schistos argilosos paleozóicos, margeando o rio Paranuá e mais abaixo o navegável rio São Bartholomeu, embora com altitude já reduzida a pouco menos de 1.000 metros; e, ao ocidente, inclina-se ligeiramente descendo a 940 e 980 metros, pelo facto da existência dos rios Santa Maria, Alagado, Descoberto e seus numerosos afluentes, alguns dos quais bastante caudalosos.”.



Figura 03: Localização dos nove pontos do Roteiro 08 sobre a base cartográfica do Mapa Geológico de Goiás – Escala 1:500.000 (CPRM, 2008).



Ao componente litológico, no trecho inicial ocorrem as rochas do Grupo Paranoá, embora não se observem afloramentos laterais à via, decorrente do relevo aplainado e elevada espessura do manto de intemperismo. Ao alcançar o limite do DF com o estado de Goiás, tem início o relevo dissecado, com a presença de vales entalhados, que compreendem o domínio das rochas do Grupo Canastra, também pouco expostos ao longo da via. A menor altimetria da rodovia localiza-se nesse último trecho (942 metros), junto às cabeceiras do córrego Palmital, próximo ao rio Vermelho, no perímetro urbano da Cidade Ocidental/GO.

As formas de relevo aluviais e coluviais do rio Vermelho passaram por intervalos prolongados de estabilidade, interrompidos por episódios de erosão e deposição relativamente rápida no período geológico mais recente. Não se dispõe de datações geocronológicas dos terraços locais, no entanto, em ambientes de natureza similar, amplamente distribuídos em nosso país, onde houve a determinação de idade dos sedimentos, os processos de deposição são considerados ora contínuos e ora intercalados, alterados em sua configuração conforme as mudanças prolongadas do clima, cobertura vegetal, topografia local e estabilidade da paisagem.

Até o advento do uso da datação radiométrica, as relações cronoestratigráficas eram pouco detalhadas, criando limitações aos estudos de reconstrução paleoambiental. Existem poucos estudos que abordam esta temática no DF e região, portanto, se encontram limitações ao entendimento da evolução da paisagem local. Em alguns destes ambientes, como nas vertentes pronunciadas do rio Vermelho, próximas à igreja do Rosário, a erosão generalizada das encostas levou ao acúmulo de extensas áreas de sedimentos imaturos, dando origem a leques e planícies aluviais, cujos episódios proporcionaram o acúmulo de depósitos auríferos.

Ao componente arqueológico, esta porção sul do DF e entorno possui inúmeros locais onde ocorrem registros pré-históricos retratando ocupações ancestrais. Até o ano de 2024, haviam sido cadastrados pelo IPHAN cinquenta e quatro sítios arqueológicos no DF, constituídos predominantemente por oficinas líticas, onde ocorrem artefatos de rochas entalhadas, e secundariamente por fragmentos cerâmicos variados e criações artísticas feitas em rocha (pinturas/gravuras), cujas idades mais antigas remontam pelo menos há 10.000 anos.

Em outros locais, ocorrem remanescentes de trilhas e picadas utilizadas pelos viajantes que percorreram a região no período colonial, retratados principalmente em registros cartográficos. O período de ocupação da região teve incremento no início no século XVIII, decorrente da busca de riquezas minerais, sendo então instalados os primeiros arraiais com igrejas e edificações, algumas parcialmente restauradas. No século XIX houve pouco desenvolvimento e ocupação do planalto central, sendo a economia baseada na agricultura de subsistência, até encontrar maior relevância, no século passado, com a implantação da capital federal.

Em relação aos registros históricos, com propósito de estabelecer o local definitivo de instalação da Capital, em 1892, o então Presidente da República Floriano Peixoto, instituiu uma comissão chefiada pelo Engenheiro e Astrônomo Belga Luiz Ferdinand Cruls para dar início à demarcação do DF. Os estudos foram elaborados em duas etapas nos atuais municípios de Pirenópolis/GO, Formosa/GO e Luziânia/GO, constituindo-se de levantamentos do meio físico, biótico e socioambiental, cujos resultados foram consolidados no denominado Relatório Cruls.

Parte dos materiais e instrumentos utilizados nos trabalhos de demarcação se encontram depositados na denominada Fazenda Velha (Geossítio 66). A moradia ali existente foi construída em 1884, sendo restaurada posteriormente. A fazenda encontra-se inserida na região de Sobradinho/DF, às margens do córrego Capão da Erva, sendo de estrutura retangular, com aproximadamente onze metros de frente e sete metros de fundo, piso de aroeira, janelas e portas feitas de madeira de lei, posteriormente acrescida na parte dos fundos. Durante os trabalhos de restauração do local, verificou-se que o embasamento foi elaborado com pedras aterradas, sobre as quais se sustenta uma estrutura de madeira com vedação externa e interna em adobe (tijolo feito de barro e cozido ao sol). Atualmente, a moradia serve como museu rural.

Ao componente físico, o córrego Capão da Erva, ao lado da moradia, apresenta trecho curvilíneo. Seu curso segue em direção leste por aproximadamente três quilômetros até alcançar o rio São Bartolomeu, tendo o perfil longitudinal marcado por corredeiras desenvolvidas sobre quartzitos, no entanto, sem rochas que o flanqueiam. O relevo na região é pouco pronunciado e desenvolvido em cota altimétrica próximo a 900 metros. No período de estiagem, o trecho confinado apresenta largura de até cinco metros, com pequena profundidade, ausência de cascalhos, sendo amplamente utilizado ao lazer nos inúmeros sítios localizados ao longo do curso.

Observando este trecho em imagem aérea, verifica-se que a margem esquerda apresenta relevo íngreme, marcado por taludes onde se instalaram vários pequenos afluentes confinados de pequena ordem que têm origem nos rebordos da superfície aplainada. O perfil longitudinal demonstra que o canal seguiu contornando a linha de borda da chapada, tendo migrado lateralmente, em oposição às rampas de colúvio acomodadas ao pé da vertente na outra margem, demonstrando, assim, maior aporte de sedimentos ao canal de uma margem em relação a outra.

Oriundo desse trabalho de demarcação elaborado pela Comissão, se obteve os primeiros registros descritivos do meio físico do DF, elaborados pelo geólogo Eugênio Hussak, membro da equipe, com informações sobre minerais e rochas, além de descrições gerais da geomorfologia, constituindo-se, com o relato dos demais pesquisadores, o primeiro estudo de impacto ambiental elaborado no Brasil com o propósito de implantar a capital. Em período posterior a essa demarcação, foi implantada a Pedra Fundamental de Brasília em 7 de setembro de 1922 (Geossítio 67), no morro do Centenário, em Planaltina/DF, em comemoração aos 100 anos da Independência.

A mudança da capital, no entanto, não prosperou neste período da república velha, sendo a iniciativa retomada em julho de 1934 e, após, no segundo mandato do Presidente Getúlio Vargas, quando se nomeou uma nova Comissão para tratar da mudança. Após a promulgação da Constituição de 1946, na qual estabelecia que a nova capital seria transferida para essa região, o Governo de Gaspar Dutra nomeou uma equipe coordenada pelo geógrafo Djalma Polli Coelho para reavaliar a demarcação, sendo o desenlace da iniciativa, de fato, alcançada na década seguinte quando o Congresso autorizou a demarcação definitiva a partir dos estudos consolidados no denominado Relatório Belcher.

A partir da consolidação dos trabalhos de demarcação, o perímetro do DF foi desmembrado do território de Goiás, além de terem sido feitas as desapropriações e a implantação das primeiras infraestruturas. Parte dessa história, bem como daquela que sucedeu, com as obras de instalação, encontram-se expostas no Museu da Memória Candanga (Geossítio 03), inaugurado em 1990. O acervo é composto pelas edificações existentes no local, construídas nos anos 1950, parcialmente preservadas, além de peças e fotos desse período.

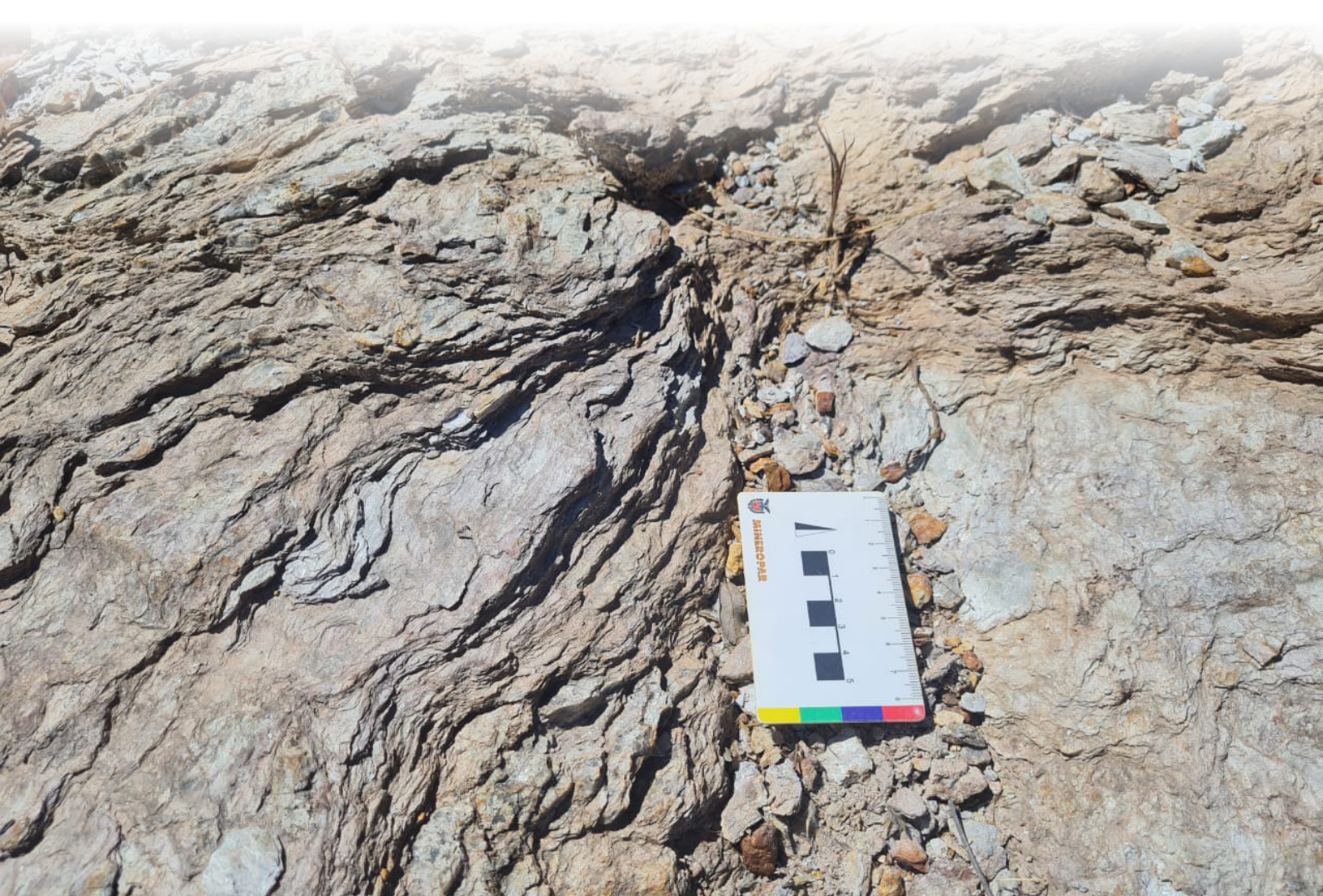
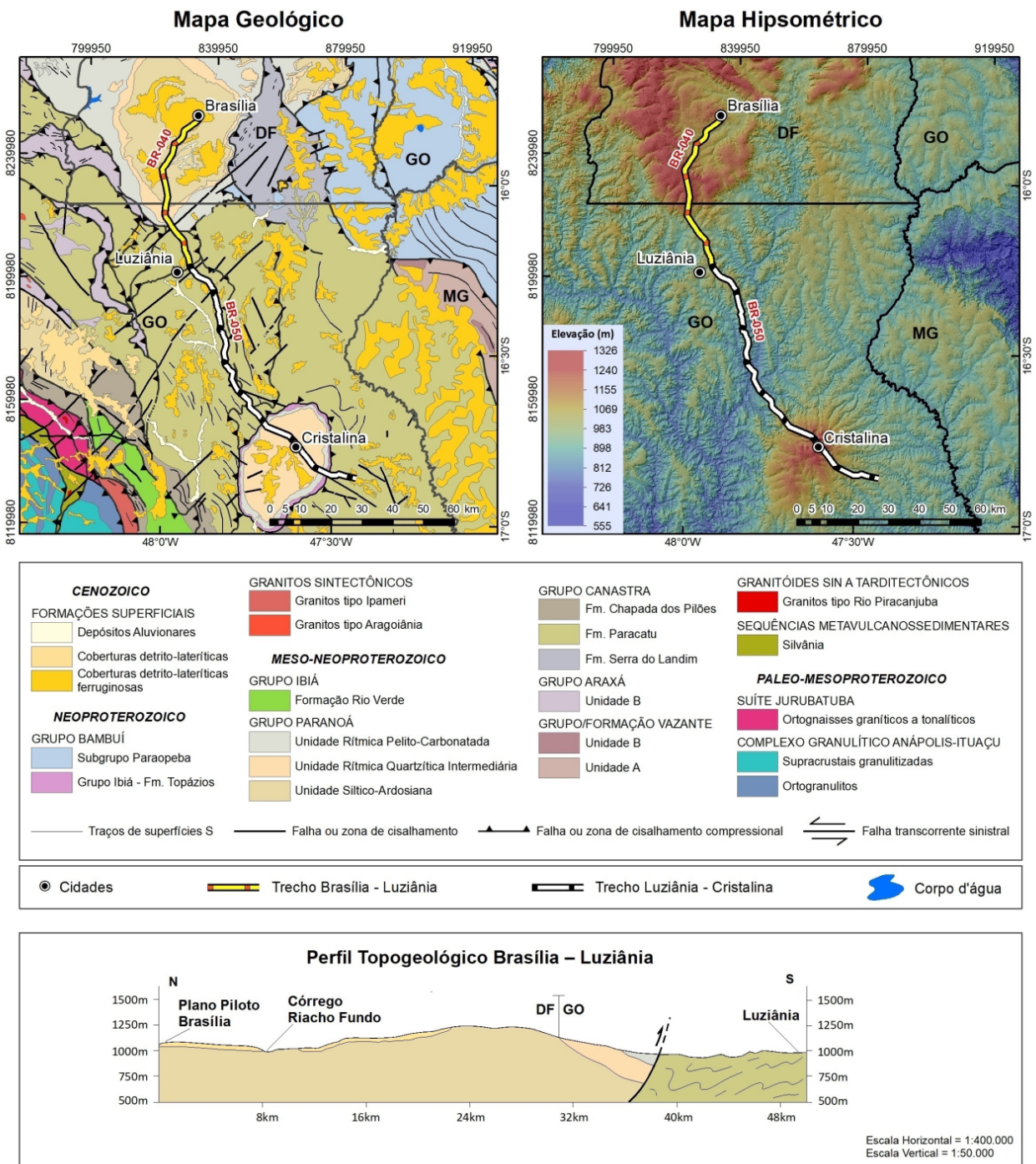


Figura 04: Mapa Geológico-Hipsométrico com o perfil topogeológico do Roteiro 8 no trecho Brasília-Luziânia/GO.

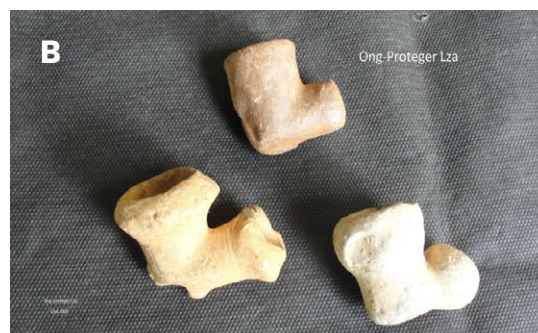


FONTES:

Mapa Geológico do Estado de Goiás e Distrito Federal, 1:500.000, disponível em: <<http://geosgb.cprm.gov.br/downloads/#>>. Consulta em: 04/04/2020.
Mapa Geológico do Estado de Minas Gerais, 1:1.000.000, disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/5016?show=full>>. Consulta em: 04/05/2020
Modelo Digital de Elevação (ALOS-PALSAR) disponível em: <<https://search.asf.alaska.edu/#/>>. Consulta em: 13/01/2020.

Seguindo o roteiro, no município de Luziânia, encontram-se registros do período de fundação do arraial Santa Luzia pelo bandeirante Antônio Bueno da Silva, época em que ocorreu as descobertas auríferas da região. No núcleo urbano da cidade se localiza a igreja Nossa Senhora do Rosário, considerada um dos principais elementos arquitetônicos desse período. A igreja começou a ser construída sobre uma antiga casa de oração, no início das atividades do garimpo do rio Vermelho, sendo demolida no ano de 1760. Nesse mesmo local, a partir de um desenho feito pelo português José Lopes da Silva, foi projetada a construção da matriz, inaugurada e benzida, ainda inacabada, no ano de 1767, sendo a primeira missa celebrada pelo Padre Luiz da Gama Mendonça.

A igreja possui 36 metros de comprimento, com altura de 12 metros até a cumeeira, sendo as paredes levantadas por taipa de pilão de um metro e meio de espessura. Seu acabamento interior é feito em madeira entalhada pelos escravos que, na época, frequentavam os cultos. Detalhe marcante é o fato de se encontrarem 87 sepulturas sob o piso de madeira, ocupadas por ilustres moradores do arraial. A construção foi feita por mais de quatrocentos escravos, sendo sua frente voltada para a direção de São Paulo, enquanto aquela dos “brancos” era sempre voltada para o nascente. A igreja foi tombada pelo Patrimônio Histórico de Goiás em 1980, sendo a última reforma realizada pelo IPHAN em 1999.



Em (A) se observa foto de H Morize, obtida em 1892, ilustrando o acampamento da Comissão Cruls instalado no Arraial Santa Luzia (Luziânia), durante os trabalhos de demarcação da nova Capital. Participando da Comissão, o geólogo Eugene Hussak produziu o seguinte relato sobre a geologia local: “... Na vizinhança de Santa Luzia, o micaschisto é outra vez aurífero e acha-se coberto por possante deposito de cascalho que, desde o seculo passado, tem sido extensamente lavrado, dando hoje occupação apenas a uns poucos garimpeiros, visto ser o cascalho relativamente pobre em ouro, e este de granulação excessivamente fina...”.

Em (B) ilustram-se cachimbos de cerâmica - artefatos arqueológicos - resgatados nas margens do rio Corumbá, próximo à Luziânia, oriundos de escravos/habitantes das velhas fazendas.

Fonte:

(A) <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/574202> Consulta em 11/08/2024.

(B) <https://www.gluseum.com/BR/Luzi%C3%A2nia/138618813548160/Sombra-do-Tamboril> Consulta em 10/08/2024.

Na área rural deste município existe também remanescentes do denominado rego da saia velha, tratando-se de um canal de escoamento de água, construído no período de implantação da igreja do Rosário, por aproximadamente 2.000 escravos. A estrutura tinha início em uma queda d'água de mesmo nome localizada na região do Gama/DF, servindo, no trecho final, localizado na parte alta do antigo arraial, para a lavagem do ouro recolhido nas lavras próximas à igreja. O canal tem extensão desconhecida, variando de 24 a 42 quilômetros, conforme a referência consultada, com muitos trechos já descaracterizados pela ação do tempo.

Em alguns locais ainda preservados sua largura é de 2 metros, com até 1 metro de declividade a cada quilômetro. Seu percurso segue o domínio das encostas da chapada local, tendo altitude de 977 metros quando alcança o denominado morro do Falcão, na área urbana de Luziânia, onde é possível sua observação in loco com relativa facilidade. A construção iniciou em 11/04/1768, tendo sido concluído dois anos após, servindo, idealmente, até o ano de 1780, quando a produção de ouro entrou em declínio.

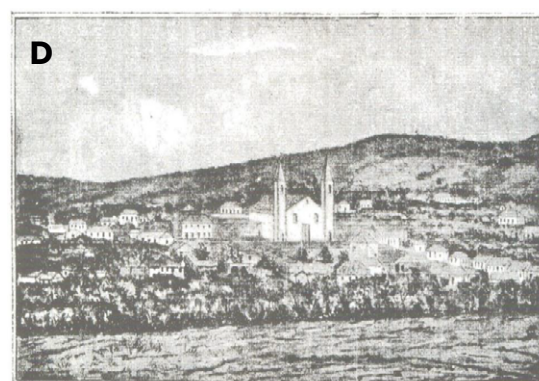
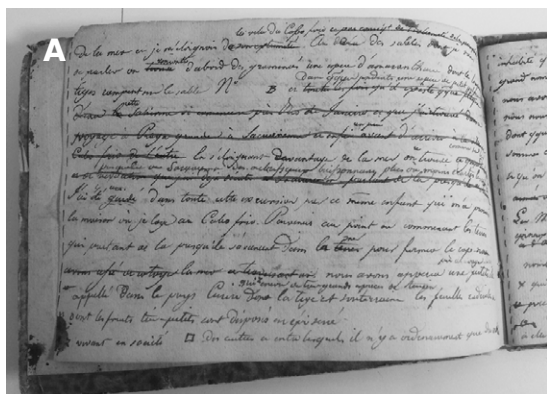
Os depósitos auríferos de origem fluvial foram ativamente explorados por métodos rudimentares por um período de trinta anos após sua descoberta, não se tendo registro da quantidade produzida até seu esgotamento. Desde então não houve atividades no local, além de nenhuma acumulação econômica ter sido encontrada na região, seja de natureza filonar, aluvionar ou oriunda de retrabalhamento desta última. Os estudos sobre a origem e concentração do ouro são incipientes, provavelmente decorrente da remobilização e concentração a partir de veios de quartzo associados a zonas de falhas geológicas que cortam xistos e filitos do Grupo Canastra.

Também, os estudos das mineralizações auríferas no Grupo Paranoá são escassos, assim como o conhecimento do controle estrutural que poderia gerar veios mineralizados durante e após a deformação das rochas. No entanto, depósitos desta natureza foram reconhecidos a norte do DF, próximo ao município de Niquelândia/GO, hospedados nas sequências metassedimentares de topo deste Grupo, sendo explotados desde o século XVIII, alguns ainda minerados por garimpeiros e empresas legalmente constituídas.

No período de apogeu econômico da região, conforme registros cartográficos, existiam inúmeros caminhos que serviam ao trânsito dos viajantes ao Planalto Central. Tais vias proporcionavam a ligação da capital da colônia, primeiro Salvador e depois Rio de Janeiro, às antigas Capitanias de Goiás e Mato Grosso, sendo posteriormente ligadas à Capitania de São Paulo e ao rio Araguaia, até alcançar a Província do Grão-Pará ao norte.

Alguns trechos dessas vias foram incorporados às atuais rodovias da região, como a GO-225, que liga Santo Antônio do Descoberto/GO a Corumbá de Goiás/GO, servindo, na época, para alcançar o arraial Meia Ponte, atual sede de Pirenópolis/GO. Características do meio físico deste percurso são descritas pelo naturalista Auguste de Saint-Hilaire em sua incursão ao interior do Brasil em 1820, quando pernitoou na denominada fazenda Macacos, próximo a Santo Antônio do Descoberto: *"...a cerca de uma légua desse lugar, parei à beira de outro rio, chamado Ribeirão dos Macacos, que nasce a mais ou menos cinco léguas dali, e é um dos afluentes do Corumbá"*.

Figura 05: (A) Imagem com as anotações de Auguste de Saint-Hilaire em sua viagem à Província de Goiás. (B) Sede da antiga fazenda Macacos em Santo Antônio do Descoberto/GO, local de hospedagem de Saint-Hilaire no caminho ao Arraial Meia Ponte. (C) Fragmento do Mapa Geral da Capitania de Goiás com destaque para o Arraial de Santa Luzia (contorno azul) e Registros de Contagem (pontos vermelhos). (D) Cidade de Luziânia em desenho de Oscar Leal no ano de 1889.



Informações disponíveis em:

- (A) <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24923> Consulta em 11/09/2020. Consulta em 12/09/2024.
- (B) <http://cerratense.com.br/fotosdocumento/A%20Hist%C3%B3ria%20da%20Regi%C3%A3o%20do%20DF%20-%20FAC/caminhos%20e%20descaminhos%20-%20espelhado%20-%20modificado.pdf> Consulta em 12/09/2024.
- (C) <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7983/5/Tese%20-%20Jason%20Hugo%20de%20Paula%20-%202017.pdf> Consulta em 12/09/2024.
- (D) <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19927> Consulta em 13/09/2024.

Os trechos que serviam de caminho aos viajantes são também parcialmente reconhecidos no entorno de DF por meio da observação dos registros cartográficos, os quais cruzavam o atual Parque Nacional de Brasília e a Reserva Biológica de Contagem, seguindo, de um lado, em direção à antiga localidade de Mestre D'Armas, atualmente Planaltina/DF e, de outro, à atual Brazlândia/DF. No entanto, dado o modo construtivo rústico, a recomposição florestal e o longo tempo decorrido, são raramente observados.

No perímetro de abrangência dessas duas Unidades de Conservação se apresentam também evidências da ocupação humana pretérita, constatadas por estruturas de casas, cemitério, árvores e plantas centenárias exóticas, como mangueiras e piteiras, respectivamente, além de vestígios do acampamento montado pela Comissão Cruls nas margens do córrego do Brejo, no interior do Parque Nacional de Brasília. Os relatos descritivos dos naturalistas e expedicionários do século XVIII e XIX são claros em demonstrar que havia outras picadas ligadas às denominadas estradas Reais, construídas e ampliadas no período que prosperou as lavras auríferas entre os anos de 1720 até 1800.

Outro local que perdurou após o período colonial se trata do denominado quilombo Mesquita, atualmente constituído por um povoado localizado no município de Cidade Ocidental/GO. As ocupações atuais abrangem uma área de aproximadamente 4.300 hectares, onde habitam aproximadamente 750 famílias que vivem em chácaras isoladas. A regularização fundiária do quilombo adveio dos direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988 e do reconhecimento cultural pela Fundação Palmares. A comunidade local é predominantemente católica, porém ainda se manifestam cultos de origem africana.

A ocupação do quilombo tomou vulto a partir de 1854, sendo naquele período habitado totalmente por negros e escravos. Destes, três ex-escravizadas receberam a posse do antigo proprietário, chamado Capitão Manoel Mesquita. O local tem suas origens ligadas a economia do ouro do antigo arraial Santa Luzia que, na época, era ponto de confluência da estrada Real de Minas com a picada para a Bahia, sendo esse um período marcado pelo regime escravista conduzido com violência pelos posseiros locais. Com o declínio da mineração e o isolamento geográfico, muitos senhores abandonaram suas posses, prevalecendo, para aqueles que permaneceram, a subsistência por meio do plantio da mandioca, milho, cana-de-açúcar e, principalmente, a produção do doce de marmelo, que ainda se manifesta na cultura local.

Parte do registro material do período colonial e imperial se encontra na Casa da Cultura em Luziânia e no Museu Histórico de Santo Antônio do Descoberto/GO. Neste último local, no perímetro urbano, foi construída a capela em louvor a Santo Antônio de Pádua. A localidade, no período colonial, denominava-se Santo Antônio dos Montes Claros, tendo sua origem também ligada ao ciclo do ouro. O arraial foi fundado por volta de 1722 por Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera II, às margens do rio Descoberto.

Próximo à capela existiam na época grandes bancos de cascalho, dos quais se lavrou ouro quando descoberto, tendo o declínio da produção ocorrido por volta de 1770 quando a profundidade do veio não mais permitia a lavra rudimentar. Atualmente, os locais de extração se encontram ocupados por posses e moradias, ou mesmo já degradados pela ação do tempo, sendo raros os vestígios da atividade, embora fossem significativos.

Já no período pré-histórico de ocupação da região, registra-se em Brasília, na Região Administrativa do Jardim Botânico, o sítio arqueológico *Ville de Montagne II* (Geossítio 71), sendo cadastrado pelo IPHAN como uma oficina lítica. Nesse local ocorrem vestígios da cultura material, cujo levantamento e prospecção foram realizados em um programa de resgate/salvamento no ano 2015. As características fisiográficas do entorno compreendem um interflúvio amplo, de vertente suave, onde ocorre a vegetação do cerrado em meio ao campo sujo, estando o sítio localizado próximo a um conjunto de matacões de rochas quartzíticas utilizadas como matéria-prima à confecção de instrumentos de caça e ferramentas de corte.

Em meio ao material rochoso, também foram encontrados vestígios de carvão a 40 centímetros de profundidade que foram submetidos a datação radiométrica por carbono-14, porém com resultados ainda não disponibilizados pelo IPHAN. Em relação à geometria do material lítico encontrado, este é correlacionado à denominada “tradição Itaparica”, compreendendo povos caçadores/coletores, ancestrais dos indígenas, que habitavam a região antes da chegada dos portugueses. Parte do acervo resgatado se encontra depositado no Museu do Instituto de Geociências da UnB.

Figura 06: (A) Afloramento rochoso com marcas de lascas – Oficina Lítica no Sítio Arqueológico Ville de Montagne – Jardim Botânico/DF. (B) Artefato lítico utilizado por habitantes pré-históricos encontrado no local.



Informações Disponíveis em:

(A) Geossítio 71.

(B) Disponível em: www.metropoles.com.br. Consulta em 05/01/2020.

Em um contexto geomorfológico, o relevo no entorno do sítio é oriundo de sucessivos ciclos de erosão que esculpiram paulatinamente a cobertura superficial. Compreender detalhadamente o desenvolvimento local das formas de relevo do ambiente das chapadas, vertentes e dos vales dissecados é um passo importante para encontrar outros vestígios que são comuns em outras localidades do DF. Por outro lado, reconhecer segmentos da paisagem que se desenvolveram antes e após a ocupação humana obviamente é um critério para descartar locais de registros arqueológicos inexistentes. Estes ambientes ainda precisam ser melhor avaliados no entorno do Geossítio 71.

Neste aspecto, também, a cronoestratigrafia da área de pesquisa, obtida por meio do detalhamento estratigráfico, além de datações por Carbono 14, constituem-se em ferramentas essenciais para elaborar a modelagem espacial e avaliar mudanças locais da paisagem, em períodos recentes, deflagradas por processos naturais e antrópicos, de forma a melhor indicar áreas de prospecção de novos sítios.

VIII – REGISTRO FOTOGRÁFICO ILUSTRATIVO

Figura 07: Registros histórico/culturais e arqueológico do DF e entorno.

Rego Saia Velha. Remanescente do período aurífero colonial de Luziânia/GO



Trecho antropizado da chapada de Luziânia em período de estiagem.



Trecho do rio Vermelho em Luziânia/GO onde se desenvolveu a lavra do ouro.



Fazenda Velha. Ponto de passagem e moradia da Comissão Cruls em 1892.



Centro Histórico de Luziânia/GO.



Igreja Nossa Senhora de Abadia. Comunidade Quilombo Mesquita. Cidade Ocidental/GO.



IX – RECONHECIMENTOS

Este guia relata a contribuição de muitos pesquisadores que, durante décadas, têm examinado a história geológica do DF e região. O Autor agradece o apoio virtual recebido por meio das publicações fornecidas pelo *Buena Vista Museum of Natural History* - Bakersfield/CA, cuja visita serviu de estímulo para elaborar o roteiro. Obrigado à Paula Sampaio que transformou os croquis em seções detalhadas. Ao Leonardo da Silva, que elaborou muitos mapas e perfis. Ao Maurício Junior, que ajustou a apresentação do texto com resenhas críticas. Ao Roberto Walkowicz pela editoração e projeto gráfico.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Hugo Emanuel de. **Imaginário e experiência turística no sítio arqueológico Bisnau Formosa – Goiás**: praticando espaços e construindo lugares. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19146>. Acesso em: 27 abr. 2019.

ÁLVARES, J. M. **História de Santa Luzia**. Idependence Atas do Simpósio Sobre Política do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 1996.

BARBO, L. C, SCHLEE, A. R. As estradas coloniais na cartografia setecentista da Capitania de Goiás. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1, 2011, Paraty, **Anais [...]**. Paraty, 2011. p. 1-20 Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/BARBO_LENORA_C_E_SCHLEE_ANDREY_R.pdf. Acesso em: 10 jun de 2018.

BARBO, L. de C.; SCHLEE, A. R. A Cartografia Histórica e os Caminhos de Ocupação do atual DF. In: III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, Passado & Presente para o Futuro. Belo Horizonte: **Anais...**, [s. l.], CRCH UFMG, 2009.

BARBO, Lenora de Castro. **Preexistência de Brasília**: reconstruir o território para construir a memória. 2010. 384 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BARBOSA, A. S. Ocupação indígena no Sistema Biogeográfico do Cerrado. In: UNIVERSO DO CERRADO. Horieste Gomes (Coord.), 2008, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia:UCG, 2008. p. 79-163.

BELCHER, J. **O relatório técnico sobre a nova capital: relatório Belcher**. Brasília, DF: CODEPLAN, 1954.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no planalto central**: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador. Brasília: Verano, 2000. 322 p.

BEÚ, Edson. **Expresso Brasília**: a história contada pelos candangos. Brasília: LGE, 2006. 258 p.

BICALHO, N. H. S. **Construtores de Brasília. Estudo de Operários e sua participação política**. Petrópolis: Editora Vozes. 1983.

BICCA, B. P. Um Passeio por Brasília. In: BRAGA, Andrea da Costa; FALCÃO, Fernando A. R. **Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, p. 4 – 6, 1997.

CARPINTEIRO, A. C. **Brasília: prática e teoria urbana no Brasil**. 1988. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. **“E a história se fez cidade...”: construção histórica e historiográfica de Brasília**. 2005. 221 f. il. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

COSTA, C. B. **Mesquita uma Comunidade Negra**. 1989. Monografia (Graduação em História).

COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DOS PROBLEMAS URBANOS DE BRASÍLIA, 1., 1974. Brasília: Senado Federal, 1974.

CRULS, Luiz. **Relatório Cruls (relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil)**. Ed. fac-sim. Brasília: Senado Federal, 2003.

___. **Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1947. v. 258.

DEMOSTHENES [Barbo de Siqueira], Manoel]. **Estudos sobre a Nova Capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1947. (Coleção Interiorização da Capital do Brasil, v. I). 1947.

FREITAS-SILVA, F. H.; CAMPOS J. E. G. Geologia do Distrito Federal. In: **Inventário Hidrogeológico e dos recursos hídricos superficiais do Distrito Federal**. Brasília: SEMARH, 1998. v. 1, p. 1-86.

GARCIA, C. M. **Construindo Brasília: a trajetória profissional de Nauro Esteves**. 2004. Dissertação (Mestrado). – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

IGREJA de Pádua. In: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/santoantoniododescoberto.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2019.

IGREJA de Pádua. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikipedia Foundation, 2019]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Ant%C3%B4nio_do_Descoberto. Acesso em: 10 maio 2019.

IGREJA de Pádua. In: SANTUÁRIO de Santo Antônio do Descoberto. Disponível em: <https://www.santuariodesantoantonio.com/historia/>. Acesso em: 03 fev. 2019.

IGREJA do Rosário. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikipedia Foundation, 2019]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Ros%C3%A1rio_\(Luzi%C3%A2nia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Ros%C3%A1rio_(Luzi%C3%A2nia)). Acesso em: 11 jun. 2019.

IGREJA do Rosário. In: DIOCESE de Luziânia. Disponível em: <http://diocesedeluziania.blogspot.com/2010/12/igreja-do-rosario.html>. Acesso em: 28 mar. 2019.

LACERDA FILHO, V.J.; RIBEIRO, P.S.E.; RIBEIRO FILHO, W.; DARDENNE, M.A. 1999. Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. Geologia e Recursos Minerais do Estado de Goiás e do Distrito Federal. Escala 1:500.000. **Projeto de Mapeamento Geológico/Metalogenético Sistemático**. CPRM/METAGO S. A./UnB. 200 p. 1999.

LEMOS, C. M.; RUBIN, J. C. R. Potencial arqueológico das coberturas detrito-lateríticas do Planalto Rebaixado de Goiânia. In: JORNADA DE ARQUEOLOGIA NO CERRADO, 2, 2010, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia, 2010.

MACHADO, T. C. **Território e Identidade na Globalização: Um Estudo de Caso na Comunidade Remanescente de Quilombo Mesquita no Município de Cidade Ocidental – GO**. 2011. Monografia (Graduação em Geografia). Disponível em: <https://quilombomesquitadotcom2.files.wordpress.com/2014/11/geografia-unb-2007.pdf>. Acesso em 15 maio 2019.

MADUREIRA, P. **O ciclo da mineração no município de Luziânia – Goiás: O rego da saia velha e as alterações na paisagem**. 2005. 66 f., il. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2005.

MARTINS, D. C. Análise dos Testemunhos Líticos do Sítio Arqueológico Córrego Rico em Planaltina de Goiás. In: **Revista do ICHL**, v. 2, n. 3, jul/dez 1983, Goiânia: UFG, 1983.

MATOS, Raimundo José da Cunha. **Chorographia Histórica da Província de Goyaz**. Goiânia: Sudeco, Gráfica Editora Líder, 1979.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Luiz Cruls: o homem que marcou o lugar**. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade, 2003.

OLIVEIRA, W. S. **Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na construção do pesquisador coletivo**. 2012. Monografia (Graduação em Pedagogia). Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/6296>. Acesso em 17 maio 2019.

PALACIN, L. **O Século do Ouro em Goiás – 1722-1822: Estrutura e Conjuntura Numa Capitania de Minas**. Associação Brasileira das Editoras Universitárias, Editora da Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2001.

POHL, João Emanuel. **Viagem no Interior do Brasil**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

PIMENTEL, A. **Pela Vila de Santa Luzia ou fragmentos de um passado. Luziânia**: Gráfica e Editora Independências. 1994.

QUEIROZ, Eduardo Pessoa de. **A formação histórica da região do Distrito Federal e entorno: dos municípios-genêse à presente configuração territorial**. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/2354>. Acesso em: 2 maio 2019.

ROCHA, V. V. da O poder político no município de Luziânia-Go: a trajetória das famílias tradicionais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA, SOCIEDADE E PODER, 4, 2014, Jataí, **Anais [...]**. Jataí: UFG. 2014.

RUBIN, J. C.; SILVA, R. T. Transformações na paisagem e sítios arqueológicos pré-históricos no estado de Goiás. In: JORNADA DE ARQUEOLOGIA NO CERRADO, 2, 2010, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia, 2010.

SAINT-HILAIRE, A. **1848: viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.

SANTOS, MICHELLE dos. **A Construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)**. 2008. 260 f., il. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33534082.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SAUTCHUK, Jaime. **Cruls: histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

SCHMITZ, P. I. Caçadores-coletores do Brasil Central. In: TENORIO, Maria Cristina (org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 89-100.

SILVA, J. A. **D. J e a paisagem de Luziânia no Painel Três Bicas**. 2007. 138 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

SILVA, Luciano Ferreira. **A Mineração em Goiás e o desenvolvimento do estado**. 2010. Dissertação (Mestrado em Economia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2010. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2014-01/a-mineracao-em-goias-e-o-desenvolvimento-do-estado.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2019.

SOUZA, E. T., ALMEIDA, H. E. Programa de Prospeção Arqueológica no Setor Habitacional Ville de Montagne II – Brasília DF. In: REUNIÃO DA SAB CENTRO-OESTE, 2, e ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA EM BRASILIA, 2, 2013, Brasília. **Anais [...]**. Brasília, 2013.

VASCONCELOS, A. **As cidades satélites de Brasília**. Brasília: edição do autor, 1988.

VIEIRA JÚNIOR, Wilson. **Vestígios no Parque Nacional de Brasília e na Reserva Biológica da Contagem: do campo da invisibilidade aos lugares de memória**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6994>. Acesso em: 22 maio 2019.

VIEIRA JÚNIOR., Wilson; ROCHA JR., Deusdedith. **A Fazenda Velha nos caminhos da Missão Cruls**. Brasília: Fundo de Arte e Cultura, 2007.

GLOSSÁRIO

ADOBE Antigo material usado na construção civil, constituído de terra crua, água e palha, moldado de forma artesanal, considerado precursor do tijolo de barro.

AFLORAMENTO Exposição de rochas ou minerais acessível à observação humana em superfícies tais como cortes de estradas, túneis, poços, etc.

ARQUEOLOGIA Ciência que investiga indícios ou vestígios materiais de civilizações e culturas passadas.

ARRAIAL Antiga denominação dos povoados instalados no período colonial.

ARTEFATO LÍTICO Instrumento e utensílio elaborado com pedra polida-lascada muito utilizado pelos povos primitivos.

CAÇADOR/COLETOR Habitantes de uma sociedade primitiva em que a maior parte do sustento era obtida pela caça e coleta de plantas silvestres.

CERRADO Bioma localizado principalmente na região Centro-Oeste, caracterizado pela vegetação tipo savana, na forma de árvores baixas, arbustos espaçados e gramíneas, constituindo-se na segunda maior formação vegetal do Brasil.

DISSECAÇÃO Energia que perpassa determinado sistema geomorfológico ao longo de sua esculturação recente, permitindo compreender a morfodinâmica e gênese da paisagem.

ESTRADA REAL Caminhos utilizados ao deslocamento e transporte de riquezas entre as províncias do período colonial.

GARIMPO Atividade de extração de bens minerais feita com técnicas rudimentares.

GEOMORFOLOGIA Ramo da geologia que estuda as formas de relevo (montanhas, vales, planícies, etc.), com o intuito de definir e interpretar os padrões morfológicos.

GEOSSÍTIO Local de particular interesse ao estudo da geologia, notável do ponto de vista científico, didático e/ou turístico, seja pela singularidade das formações geológicas ou pelo valor paleontológico e/ou arqueológico.

GRUPO ver unidade litoestratigráfica.

INTERFLÚVIO Parte elevada do relevo que separa a rede hidrográfica entre dois vales.

LITOLOGIA Estudo e descrição das características macroscópicas e microscópicas de uma rocha, ou associação, com viés à determinação de sua composição, estrutura, origem, idade, etc.

MINERAL Substância química natural, sólida, homogênea, geralmente resultante de processos inorgânicos, apresentando estrutura interna ordenada, composição química e propriedades físicas próprias e constantes.

OFICINA LÍTICA Local onde as populações pré-coloniais fabricavam artefatos líticos.

QUARTZITO Rocha metamórfica, geralmente de cor branca ou cinza, cujo principal constituinte é o quartzo (>75%).

QUILOMBO Comunidades formadas por remanescentes de fugitivos da escravidão no Brasil.

REGO Sulco linear na forma de dreno, escavado no terreno, utilizado ao escoamento da água.

RELEVO Parte superficial da litosfera onde as transformações geológicas se expressam pela alteração da morfologia do terreno.

ROCHA Agregado sólido que ocorre naturalmente, sendo constituída por um ou mais minerais ou mineraloides, classificada como de natureza ígnea, metamórfica ou sedimentar.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO Local onde foram encontrados vestígios e registros materiais de ocupações humana pré-históricas e históricas.

TAIPA DE PILÃO Processo construtivo de origem árabe, muito utilizado no período colonial, em que as paredes da habitação eram elaboradas com o uso de barro compactado.

TRADIÇÃO Grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal. ver arqueologia.

UNIDADE LITOESTRATIGRÁFICA Conjunto de rochas individualizadas com base nos seus caracteres litológicos, independentemente da sua idade, compreendendo as categorias de Supergrupo, Grupo, Formação, dentre outras de menos hierarquia.

VALE Depressão com fundo plano, normalmente alongada, formada pelo encontro de duas vertentes.

VEIO Corpos rochosos foliares, de espessura variável, encontrado no interior de rochas encaixantes de natureza distinta, por vezes mineralizados.

VERTENTE Região de declividade topográfico que margeia o alinhamento de uma região mais elevada da qual parte o escoamento das águas.



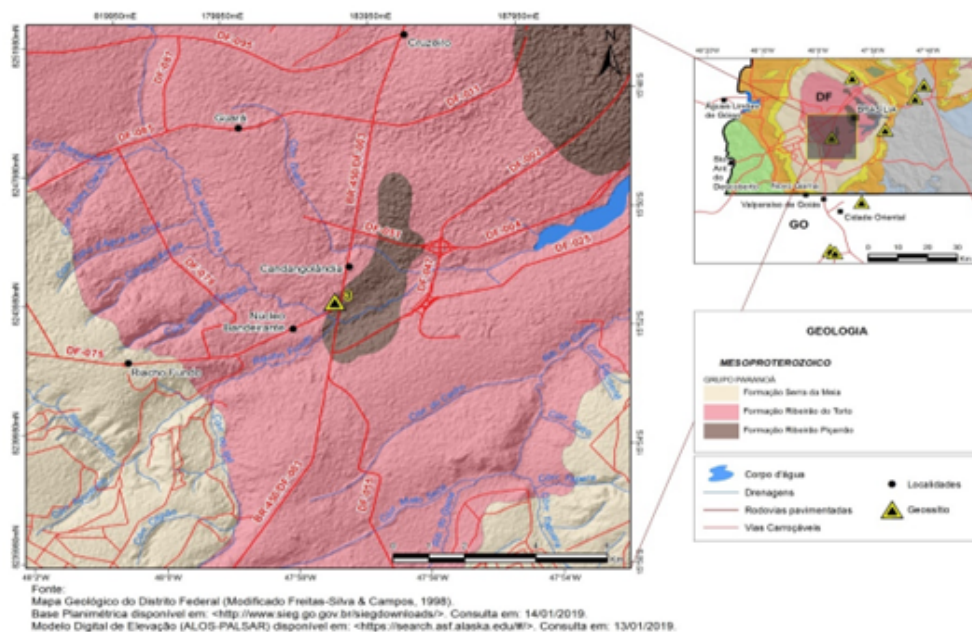


APÊNDICE A

Geossítios

GEOSÍTIO Nº 03 : MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23L)		ELEVÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-03	Brasília/DF	183.186	8.244.263	1.039 m
TOPOGRAFIA/RELEVO		COBERTURA VEGETAL		
Plana a suavemente ondulada.		Vegetação primária subtraída.		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

A perspectiva de criar o DF remonta oficialmente o final do período Imperial, havendo previsão legal desta iniciativa no Decreto de Proclamação da República de 15/11/1889, que estabelecia, provisoriamente, a sede do poder no Rio de Janeiro, até a implantação do local definitivo. Em 1891, a proposta de instalação da Capital era constituída em Lei, ficando definida uma área do planalto central, a ser demarcada, e nela estabelecer a futura sede.

Dando andamento ao anseio, o então Presidente da República Floriano Peixoto, em 1892, instituiu comissão a fim de demarcar onde seria construída a sede do governo, sendo proposto, pelo Engenheiro e Astrônomo Belga Luiz Cruis (1848-1905), por meio de um estudo do meio físico e socioambiental, a região centro-oeste brasileira como local.

O tema de mudança da capital, no entanto, só voltou à discussão em julho de 1934, quando o Presidente da República nomeou nova comissão para tratar desta iniciativa, ainda assim sem resultados. Somente em 1953 o Congresso autorizou a demarcação definitiva do local/sede, sendo para isso elaborado detalhado levantamento cartográfico e temático da região, cujo resultado técnico foi denominado Relatório Belcher. Sucedendo a este, deu-se de fato o início do desmembramento e desapropriação do território de Goiás para implantação da nova Capital.

Os trabalhos técnicos elaborados pela empresa americana Donald J. Belcher foram desenvolvidos no Brasil e nos Estados Unidos, a partir da interpretação de 8.000 fotografias aéreas, 540 mosaicos e 18 fotos-índices, obtendo informações da topografia, geologia, drenagem, solos para engenharia, solos para agricultura e mapa de uso das terras. Ao findar os trabalhos, Donald Belcher declarou que o *“...O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação da história a basear a seleção do sítio de sua Capital em fatores econômicos e científicos; bem como nas condições de clima e beleza...”*.

Parte desta história, bem como daquela que sucedeu às obras de implantação da capital, encontra-se disponível para consulta e observação no Museu Vivo da Memória Candanga, inaugurado em 1990. O acervo é composto por edificações históricas, peças, objetos e fotos da época de construção.

Em relação ao contexto geológico do local de implantação do Museu, verifica-se que abrange rochas do tipo metassiltitos argilosos pertencentes à Formação Ribeirão Piçarão (Grupo Paranoá), onde lateralmente também ocorre a ardósia (Formação Ribeirão do Torto). Os estudos precursores na região, contemplando o meio físico, biótico e socioeconômico, que viabilizaria a implantação da capital, encontram-se disponíveis no relatório da Comissão Cruls.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 – 03: Museu Vivo da Memória Candango. Alojamento restaurado do período de construção da capital.

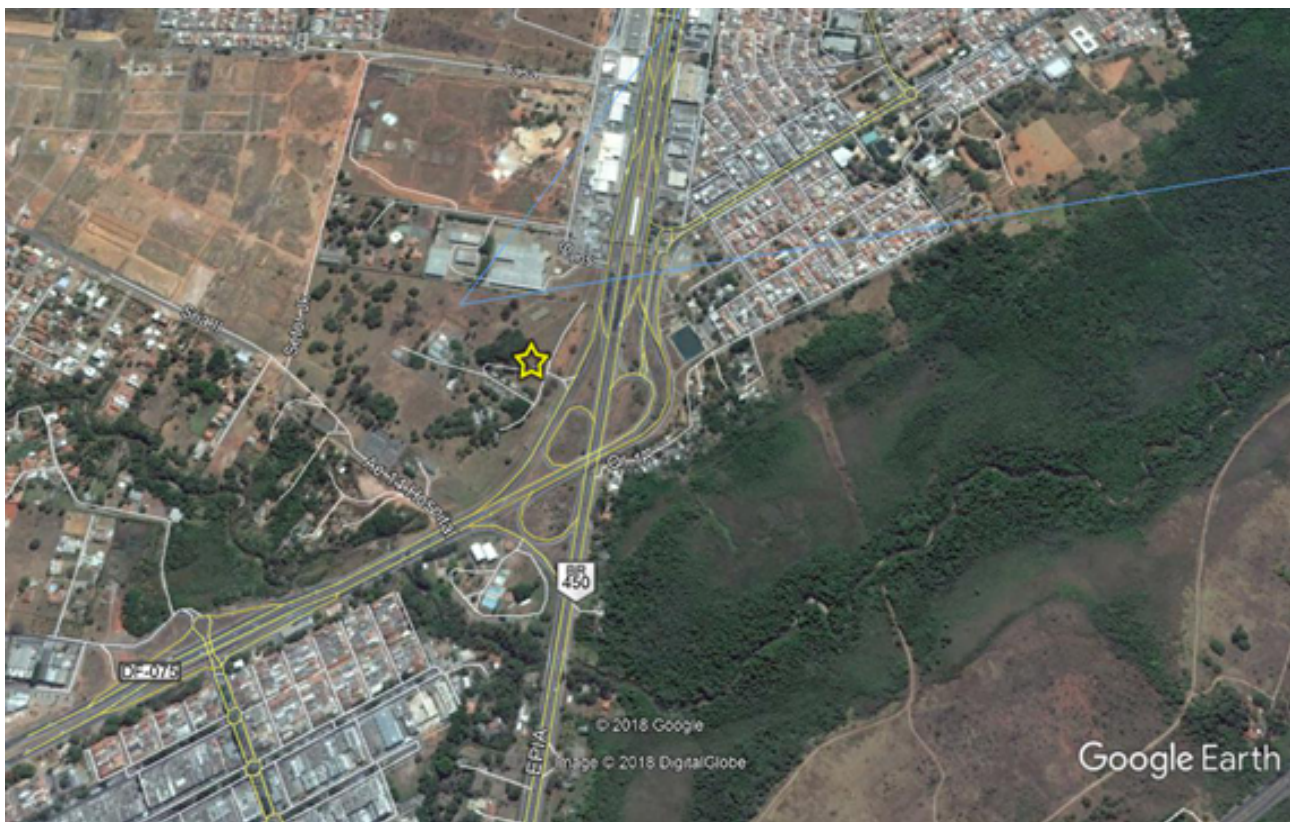
GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: (x) Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; () Paisagístico; (x) Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular (); Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: (x) Sim; () Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI. Obs.: Há horário de visitas estabelecido.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; () Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

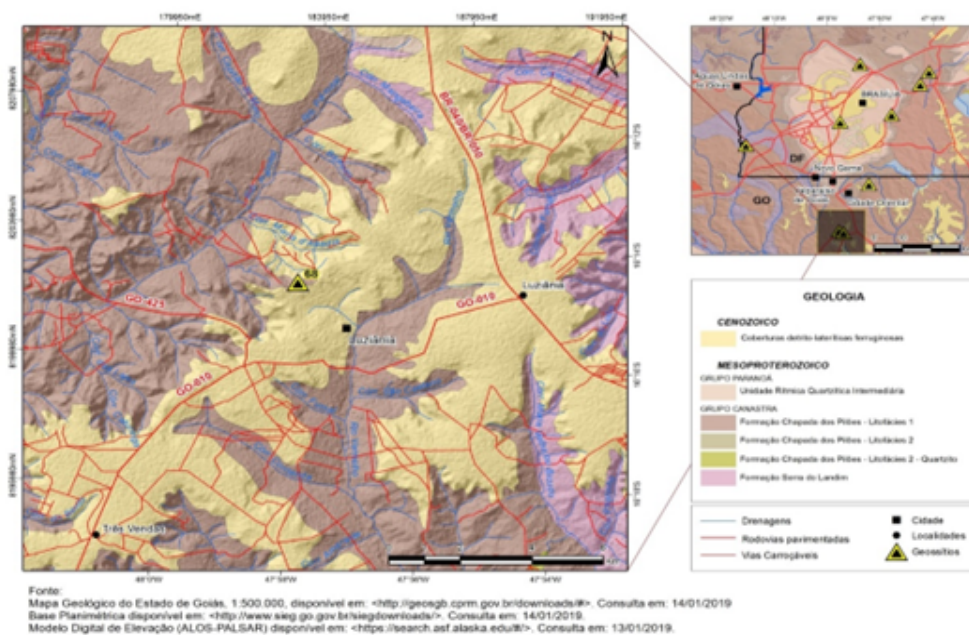
- Alteração do meio físico; Comprometimento ambiental; Urbanização; Patrimônio Histórico.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 03 (*)



GEOSÍTIO Nº 68 : REGO DA SAIA VELHA – LUZIÂNIA/GO				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23K)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-03	Luziânia/GO	183.312	8.202.161	977 m
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Planalto. Vertente íngreme.		Vegetação primária subtraída		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

Trata-se de trecho remanescente de antigo canal condutor construído pelos escravos, denominado rego da saia velha, que trazia água da cachoeira do ribeirão de mesmo nome, localizada na região do Gama/DF, até a lavra de ouro do Cruzeiro, na parte alta do arraial Santa Luzia, adjacente a igreja do Rosário. Devido à sua grande extensão, parte de seu trecho já se encontra degradado, às vezes arborizado em seu leito ou mesmo preenchido por sedimentos oriundos da erosão das encostas. Outros trechos, ainda, são facilmente observados em fotografias aéreas de melhor resolução.

A extensão do canal é desconhecida, tendo aproximadamente dois metros de largura e um metro de declividade a cada quilômetro percorrido. O seu percurso segue predominantemente o planalto da região do Gama, tendo altitude de 977 metros próximo ao morro do Falcão, no perímetro urbano de Luziânia/GO, local onde é possível observar parte do trecho com relativa facilidade. A construção teve seu início em 11/04/1768, sendo concluída em 11/09/1770 e servindo ao propósito até o ano de 1780, quando deixou de ser utilizado. Cerca de dois mil escravos participaram da construção no período de maior atividade.

A obra decorreu da necessidade de fornecer água para a lavagem do ouro produzido nos garimpos do rio Vermelho, devido à forte estiagem na região que se prolongou até 1770. O término de seu uso coincide com a decadência da produção de ouro no arraial, que depois não mais se reergueu para a atividade, conforme registros de viajantes e naturalistas que visitaram a região.

Fazendo referência específica ao uso de fotografias aéreas, utilizadas para demarcação do trecho do canal, estas se aplicam normalmente ao reconhecimento de grandes áreas, no entanto, tendo pouco resultado quando se tenta traçar o caminho do canal. O DF apresenta cobertura total de sua superfície com estes produtos, em diferentes escalas, sendo às vezes as informações geológicas e topográficas interpretadas sobre a própria imagem e depois transferidas a um mapa base. Em fotografias aéreas, a localização do terreno é normalmente facilitada pela orientação de cada linha de voo considerada.

O primeiro levantamento fotográfico aéreo em escala regional no DF foi realizado no ano de 1954 durante o período de implantação da capital, sendo os registros obtidos em preto e branco e de forma sequencial, de modo que cada fotografia sobrepõe a seguinte com uma cobertura de aproximadamente 50%. Tal procedimento proporciona a produção de uma imagem tridimensional quando observada em estereoscópio, sendo de grande importância para a visualização do contraste no terreno.

Este recurso de visualização tridimensional do terreno foi aperfeiçoado ao longo dos anos, por meio da representação da topografia em modelos digitais de elevação, os quais permitem o tratamento da imagem por diferentes técnicas de processamento, tendo como recurso, por exemplo, a representação da paisagem por meio de relevo sombreado, em vários ângulos, além da obtenção de classes altimétricas e da declividade do terreno.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 - 03: Trecho do rego da Saia Velha (porção central da foto) preenchido por sedimentos. Luziânia/GO.

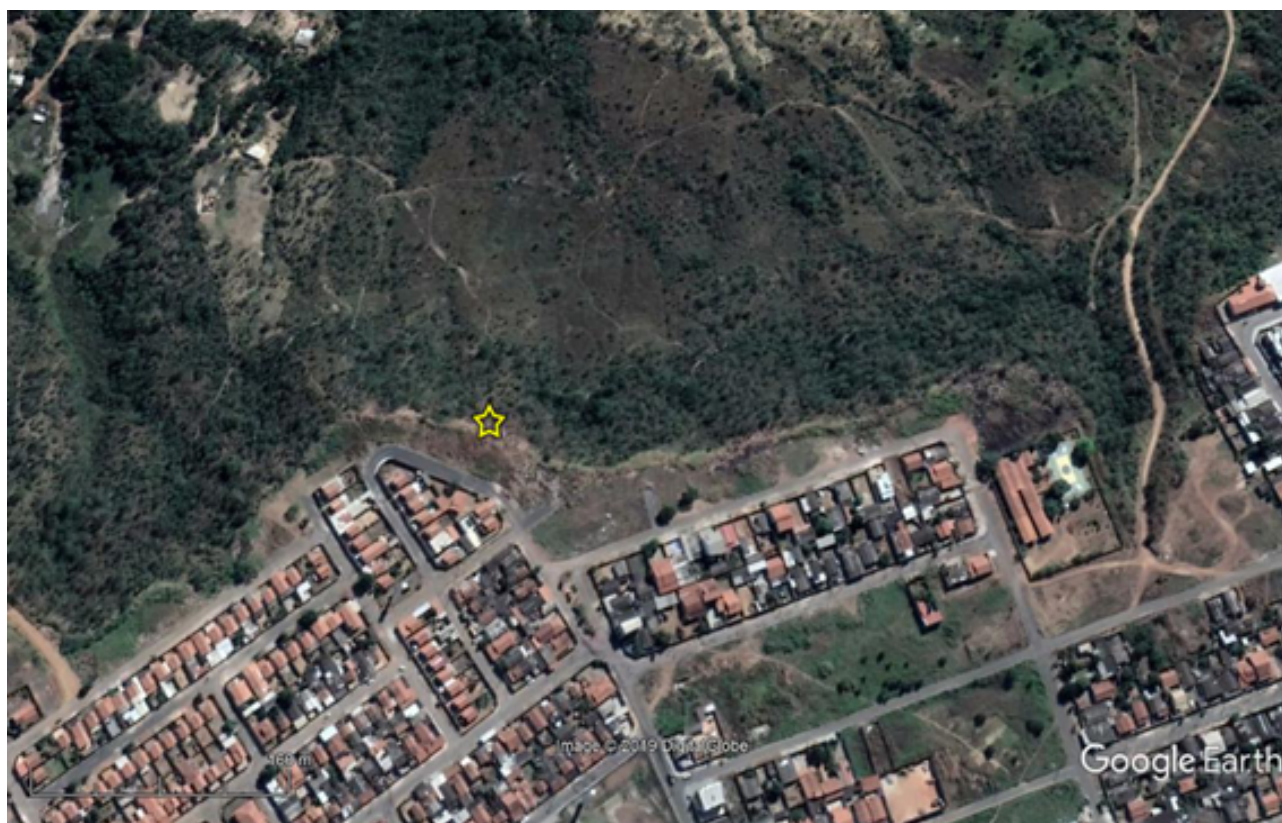
GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: () Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; () Paisagístico; () Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: () Sim; (x) Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: () Fácil; (x) Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

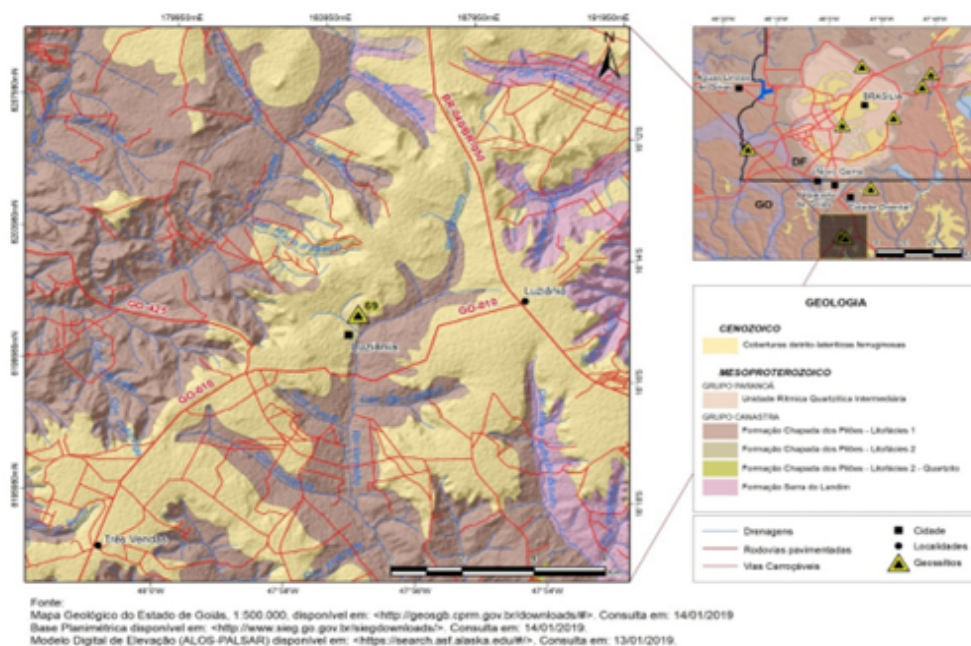
- Histórico/Cultural; Geomorfológico; Lavra Garimpeira.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 68 (*)



GEOSÍTIO Nº 69 : IGREJA DO ROSÁRIO – LUZIÂNIA/GO				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23K)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-04	Luziânia/GO	184.895	8.201.390	955 m
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Planalto. Vertente íngreme		Área Urbana. Vegetação primária subtraída		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

O município de Luziânia tem como um de seus principais elementos arquitetônicos do período colonial a Igreja Nossa Senhora do Rosário. A igreja começou a ser construída sobre uma antiga casa de oração, no início das atividades garimpeiras no rio Vermelho, sendo demolida no ano de 1760. Neste mesmo local, a partir de um desenho feito pelo português José Lopes da Silva, foi projetada a construção da matriz, inaugurada e benzida, ainda inacabada, no ano de 1767, com a primeira missa celebrada pelo Padre Luiz da Gama Mendonça.

A edificação possui 36 metros de comprimento e altura de 12 metros do chão à cumeeira, sendo as paredes elaboradas com um metro e meio de espessura e levantadas por taipa de pilão. Possuía originalmente duas torres erguidas no ano de 1778. Seu acabamento interior é feito em madeira entalhada pelos escravos que frequentavam os cultos. Fato marcante é que sob o piso de madeira se encontram oitenta e sete sepulturas ocupadas predominantemente por ilustres cidadãos do então arraial de Santa Luzia. Destas, apenas duas estão enumeradas, sendo uma pertencente a José Pereira de Souza, única pessoa executada por enforcamento no arraial.

A construção da igreja foi feita por mais de quatrocentos escravos e homens livres da época, sendo sua frente voltada para a direção de São Paulo, enquanto a igreja dos brancos era sempre voltada para o nascente. A estrutura foi tombada pelo Patrimônio Histórico de Goiás em 1980, sendo a última reforma feita em 1999 pelo IPHAN. No período de construção da igreja era intenso o fluxo populacional de portugueses e brasileiros para a região, de modo que o recenseamento populacional deste arraial, feito por Joseph de Mello em 1763, registrou 12.900 habitantes, provavelmente o auge demográfico, sendo que por volta de 1786 havia somente 8.000 habitantes.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 - 04: Igreja do Rosário. Construída no ano 1760. Luziânia/GO.

GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: () Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; () Paisagístico; () Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: () Sim; (x) Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

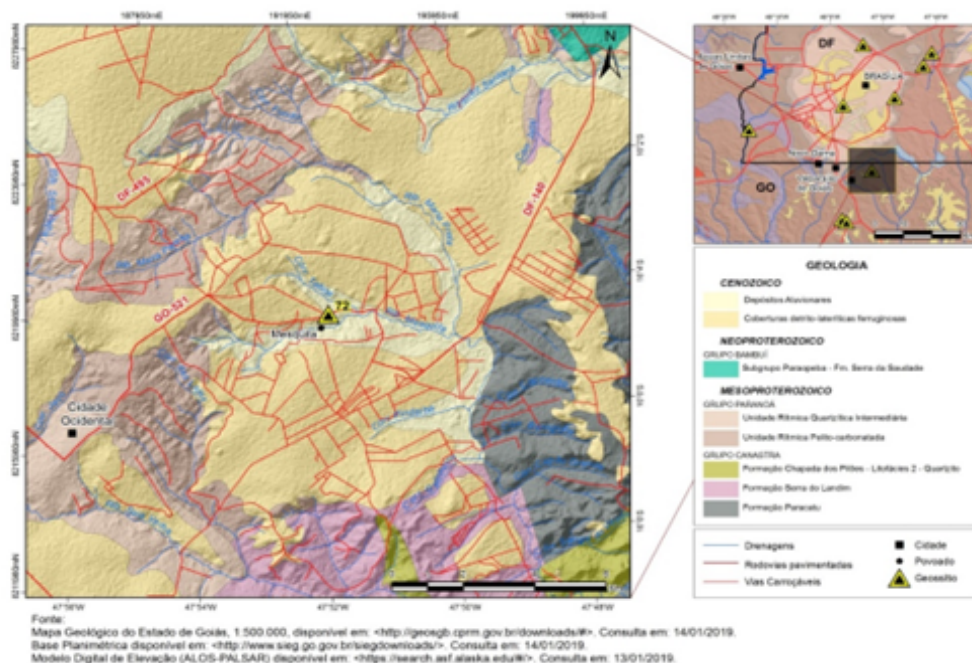
- Histórico/Cultural; Arquitetônico; Formação do Arraial de Santa Luzia.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 69 (*)



GEOSÍTIO Nº 72 : COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MESQUITA				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23K)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-07	Cidade Ocidental/GO	193.180	8.220.288	942 m.
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Chapada do Gama		Área Rural. Vegetação parcialmente preservada.		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

O Quilombo Mesquita, denominado atualmente Povoado Mesquita, está localizado no município de Cidade Ocidental/GO, tendo uma área de aproximadamente 4.300 hectares, ocupado por 750 famílias que vivem em chácaras isoladas. A regularização fundiária na comunidade adveio dos direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988 e pelo reconhecimento cultural da Fundação Palmares. A comunidade é predominantemente católica, porém ainda se manifestam cultos de origem africana.

Segundo relatos antigos, a ocupação foi formada em torno de 1854, sendo quase totalmente habitada por negros e escravos. Destes, três ex-escravizadas receberam a posse do antigo proprietário, chamado Capitão Manoel Mesquita. Atualmente, a área é submetida a intenso processo de especulação imobiliária, por meio de loteamentos, tanto no entorno quanto em seu perímetro, proporcionando a desagregação étnica, conforme verificado por entidades preocupadas com a manutenção da identidade cultural do local.

O quilombo tem suas origens ligadas à economia do ouro do século XVIII no antigo arraial de Santa Luzia, atualmente Luziânia/GO, resultado do regime escravista que movimentou a economia da região. Com o declínio da mineração e o isolamento geográfico, muitos senhores abandonaram suas posses, prevalecendo, àqueles que permaneceram, a subsistência por meio de culturas de mandioca, milho, cana-de-açúcar, frutas e artesanato.

A literatura disponível não fornece melhores detalhes sobre a origem do ouro extraído por estes escravos. No entanto, o ambiente geológico da região se associa a terrenos metamórficos, com a predominância de filitos do Grupo Canastra que foram submetidos à deformação compressional e cisalhamento no período de evolução da faixa Brasília. As concentrações de maior teor nestas rochas, já reconhecidas em outros locais, são oriundas de fluidos hidrotermais que foram canalizados ao longo de estruturas abertas, sendo após as rochas e os veios expostos ao intemperismo e o metal remobilizado e concentrado em paleocanais, próximo ao ambiente de origem.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 – 07: Capela de Nossa Senhora de Abadia construída no Quilombo Mesquita na década de 1960. Cidade Ocidental/GO.

GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: () Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; () Paisagístico; () Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: () Sim; (x) Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

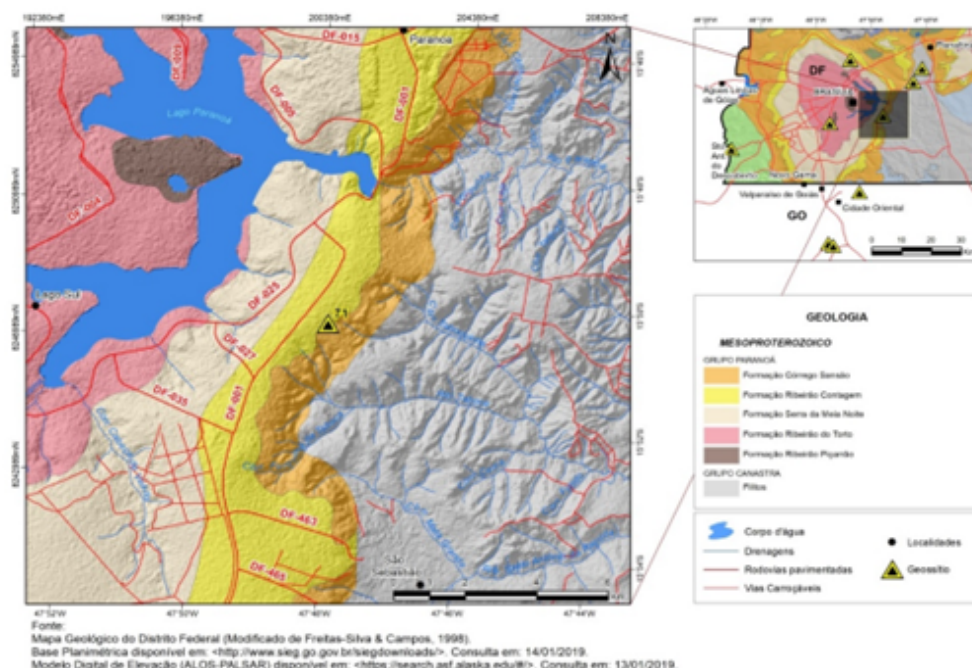
- Histórico/Cultural; Quilombo; Escravidão no Garimpo.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 72 (*)



GEOSÍTIO Nº 71 : SÍTIO ARQUEOLÓGICO – OFICINA LÍTICA				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23L)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-06	Brasília/DF	200.440	8.247.295	1.097 m
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Chapada do Jardim Botânico. Transição com os vales dissecados		Área Urbana. Vegetação parcialmente preservada.		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

Embora as bandeiras percorressem a região desde o século XVI, a colonização do interior do Brasil de fato só começou no ano de 1700 em Minas Gerais, depois em Mato Grosso em 1718 e em Goiás em 1726. As etnias dominantes no DF e região neste período eram dos Macro-Jê, com presença esporádica dos índios Tupi, vindos do litoral, fugindo da colonização portuguesa. Acredita-se que a permanência dos índios no ambiente das chapadas provavelmente não ocorreu de modo sistemático, considerando as condições de clima frio, preferindo então as regiões quentes e baixas. Corroborar este entendimento a carência de registros arqueológicos até então reconhecidos na região neste período.

As pesquisas arqueológicas na região centro-oeste começaram em 1972 com o apoio da Universidade Católica de Goiás-UCG e da Universidade Federal de Goiás-UFG, tendo sido relevante também a contribuição do arqueólogo Eurico Teófilo Miller neste período, que constatou os primeiros registros pré-históricos no DF, particularmente nas cabeceiras do córrego Ipê, na região do Gama, além do cadastramento de 16 sítios em áreas próximas ao rio Descoberto. Em um dos locais mapeados, foi constatado o convívio de culturas distintas que ocuparam a mesma área em diferentes períodos.

O sítio arqueológico *Ville de Montagne II* localiza-se na bacia do rio São Bartolomeu, região do Jardim Botânico/DF, sendo registrado no cadastro CNSA/IPHAN. No local, se encontram vestígios da cultura material de povos primitivos. O levantamento e prospecção foram realizados em um programa de resgate/salvamento no ano 2015, previamente à construção de um condomínio residencial na região, ainda não licenciado pela TERRACAP. As características fisiográficas da região compreendem uma ampla vertente de caimento suave onde ocorre vegetação característica de cerrado em meio ao campo sujo, estando o sítio localizado próximo a um conjunto de matacões de rochas quartzíticas utilizadas como matéria-prima à confecção de instrumentos para a caça e ferramentas de corte.

O local foi alvo de detalhamento, sendo coletados inúmeros objetos e constatada a presença de fragmentos de carvão a 40 centímetros de profundidade, embora não se saiba até então se mantêm relação com fogueiras produzidas pelos ocupantes da época ou se provém de queimadas naturais. Estes fragmentos foram enviados a uma instituição de pesquisa do exterior para datação radiométrica carbono 14, com os resultados ainda não publicados.

Por outro lado, os materiais líticos coletados neste local foram doados ao Museu do Instituto de Geociências da UnB. Em relação às características das ferramentas utilizadas, os pesquisadores consideraram compatíveis ao período denominado Tradição Itaparica, compreendendo povos caçadores/coletores da região do cerrado e caatinga, ancestrais dos indígenas, que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 - 06: Blocos quartzíticos no entorno de oficina lítica desenvolvida por coletores/caçadores no período pré-histórico. Jardim Botânico/DF.

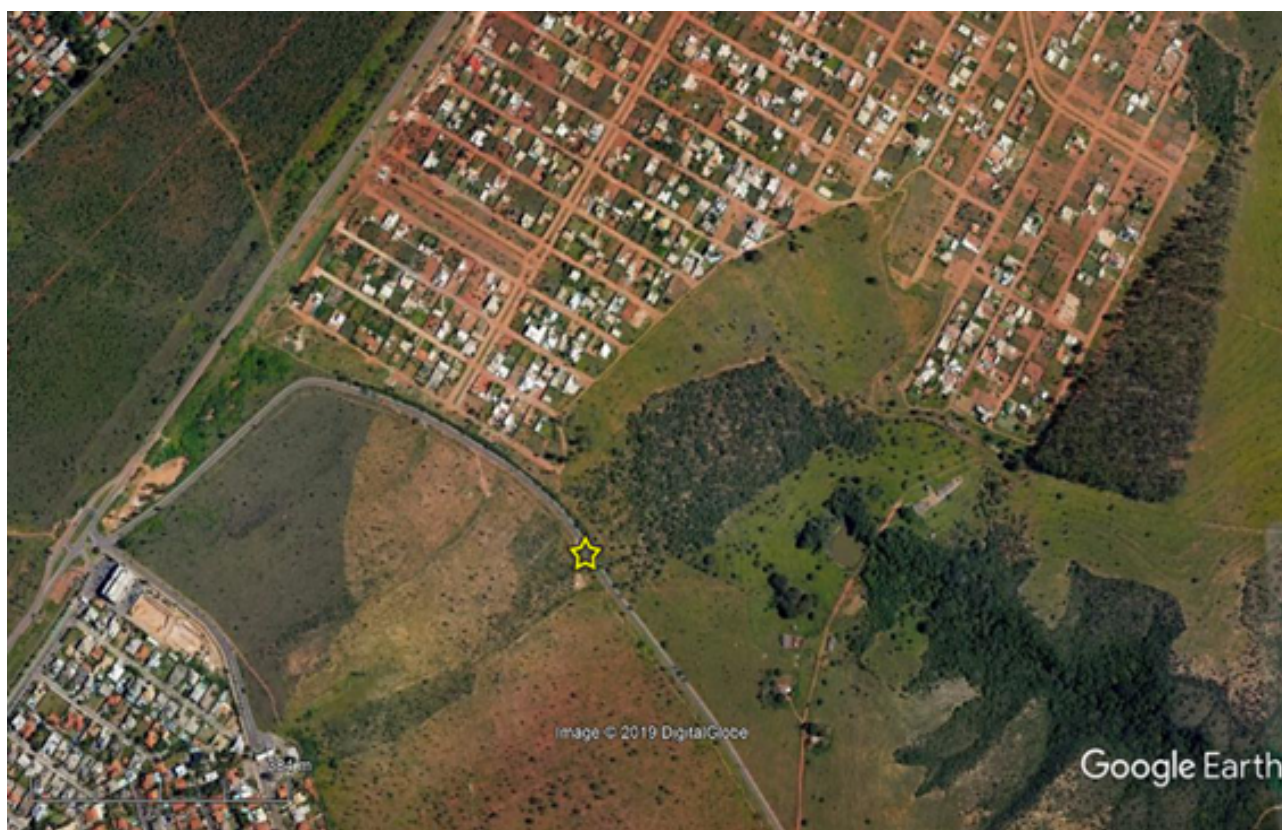
GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: () Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; () Paisagístico; () Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: (x) Sim; () Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; (x) Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

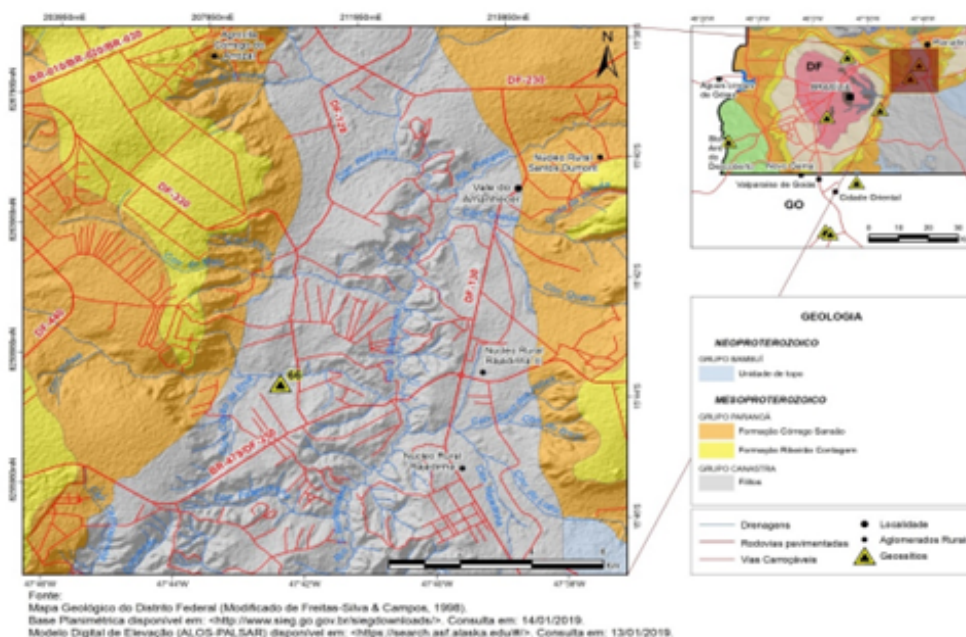
- Histórico/Cultural; Paisagístico; Geoarqueologia.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 71 (*)



GEOSÍTIO Nº 66 : FAZENDA VELHA /LUIZ CRULS – SOBRADINHO/DF				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23L)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-01	Brasília/DF	209.997	8.259.118	924 m
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Planalto. Morros isolados		Remanescentes de mata de galeria em área habitada		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

Moradia de arquitetura colonial construída em 1884, conforme talho de barro encontrado em sua cobertura. A estrutura foi restaurada em 1996 pelo Patrimônio Histórico e Artístico do DF, mantendo suas características construtivas. A habitação serviu de ocupação em 1892 à Comissão Exploradora do Planalto Central, cujo propósito era demarcar a área onde seria construída a nova capital. A habitação e benfeitorias pertenceram a Hasthimphilo de Moura, militar e engenheiro, membro da referida Comissão.

O local encontra-se inserido na região de Sobradinho, às margens do córrego Capão da Erva, estando as benfeitorias situadas em área plana, tendo seu núcleo básico sido construído em formato retangular, com aproximadamente 11 metros de frente e 7 metros de fundo, acrescido na parte dos fundos. O embasamento foi feito com pedras aterradas sobre as quais se sustenta uma estrutura de madeira aparente, com vedação externa e interna em adobe (tijolo feito de barro e cozido ao sol), sendo estas estruturas preservadas na última restauração. O piso é composto de aroeira, com janela e portas feitas de madeira de lei e telhas de barro (conhecidas como telhas de coxa), moldadas nas pernas dos escravos.

O local no passado comportava um museu rural, atualmente parcialmente preservado, tendo no interior da moradia um acervo dos materiais de pesquisa e objetos utilizados nos trabalhos de campo da Comissão Cruls, além de outras peças que demonstram o modo de vida, usos e costumes dos habitantes da época.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 - 01: Fazenda Velha. Habitação construída em 1884 e utilizada pelos membros da Comissão Cruls em 1892. Sobradinho/DF.

GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: (x) Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; (x) Paisagístico; (x) Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: (x) Sim; () Não.
- d)** Entrada Paga: (x) Sim; () Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; (x) Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

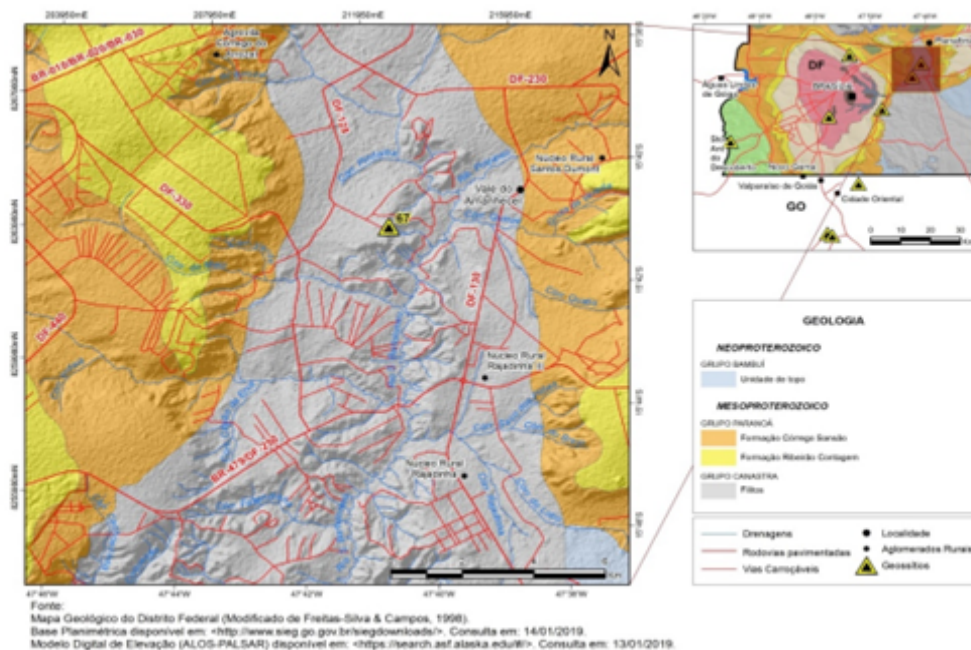
- Acervo histórico/cultural. Monumento preservado. Habitação do período Imperial.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 66 (*)



GEOSÍTIO Nº 67 : PEDRA FUNDAMENTAL DE BRASÍLIA – PLANALTINA/DF				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (23L)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-02	Brasília/DF	212.811	8.264.048	1.026 m
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Planalto. Chapada do Pipiripau.		Vegetação primária subtraída.		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

A Pedra Fundamental de Brasília localiza-se no denominado Morro do Centenário, região de Planaltina/DF, sendo assentada em 7 de setembro de 1922 pelo Presidente Epitácio Pessoa, em comemoração ao Centenário da Independência. A proposta de interiorização da Capital do Brasil é mencionada em diferentes períodos de nossa história. Uma síntese cronológica destes eventos é demonstrada a seguir:

Ano 1751 – Marquês de Pombal propõe pela primeira vez transferir a capital do Brasil para o interior, sendo que em 1789 os inconfindentes, liderados por Tiradentes, insatisfeitos com a Coroa Portuguesa, referendam esta iniciativa.

Ano 1813 – Hipólito José da Costa publica no Correio Braziliense sua primeira defesa à transferência da Capital para o interior central.

Ano 1821 – José Bonifácio, o Patriarca da Independência, propõe instalar, na latitude aproximada de 15º, uma cidade central para a Corte Portuguesa, sugerindo o nome de Brasília.

Ano 1877 – Francisco Adolfo Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, inicia pesquisas in loco, sugerindo que a nova Capital seja instalada na vizinhança do planalto central brasileiro.

Ano 1883 – Dom Bosco, padre italiano fundador da Ordem dos Salesianos, tem um sonho profético, no qual prevê o surgimento de rica e próspera civilização entre os paralelos 15° e 20°, onde Brasília está atualmente inserida.

Ano 1891 – A Constituição da República de 1891 determina a criação de uma zona de 14.400 km² para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.

Ano 1891 – Presidente Floriano Peixoto estabelece a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo engenheiro e astrônomo belga Luiz Cruls, para a demarcação.

Ano 1893 – A área sugerida pela Comissão recebe o nome de Quadrilátero Cruls e aparece pela primeira vez no Mapa do Brasil com a inscrição de “Futuro Distrito Federal”.

Ano 1922 – O Presidente Epitácio Pessoa lança a Pedra Fundamental da Nova Capital.

Ano 1955 – O candidato à Presidência da República Juscelino Kubitschek, durante o seu primeiro comício, em Jataí/GO, promete construir a Capital no planalto central.

Ano 1956 – JK é eleito, criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, e determinando a publicação do edital do concurso do Plano Piloto de Brasília.

Ano 1957 – Lúcio Costa, arquiteto e urbanista, vence o concurso público apresentando o projeto, sendo escolhido dentre 25 concorrentes.

Ano 1960 – Em 21 de abril, Brasília é inaugurada após 3 anos e 4 meses de construção.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 – 02: Pedra Fundamental de Brasília. Planaltina/DF.

GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: (x) Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; (x) Paisagístico; () Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: () Sim; (x) Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

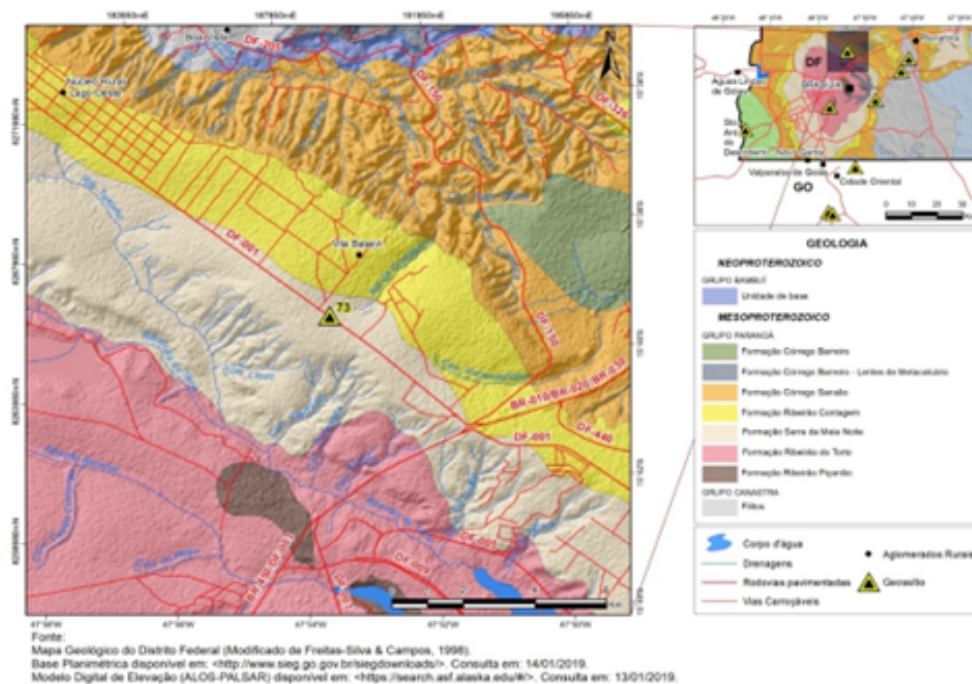
- Acervo cultural. Patrimônio Histórico.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 67 (*)



GEOSÍTIO Nº 73 : ESTRADA REAL DE CONTAGEM – SOBRADINHO/DF				
PONTO	UNIDADE DA FEDERAÇÃO	COORDENADAS UTM (23L)		ELEVÇÃO
		x (m)	y (m)	
R8-08	Brasília/DF	189.601	8.266.626	1.260 m.
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Chapada de Contagem		Área com vegetação de cerrado preservada.		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

Antigas trilhas, com a denominação de Estrada Real, são reconhecidas na região do DF, grande parte construídas no século XVIII, quando do ingresso de imigrantes ao planalto central. Tais caminhos propiciavam a ligação das primeiras capitais coloniais (Salvador e Rio de Janeiro) às antigas Capitanias de GO e MT. Outros percursos foram incorporados ao longo do tempo, tendo como origem a Capitania de São Paulo, que seguiam em direção norte. Raros trechos estão preservados, outros ainda foram ligados as vias atualmente utilizadas ao transporte rodoviário, como a estrada que une Santo Antônio do Descoberto/GO a Corumbá de Goiás/GO, servindo de acesso entre o antigo Arraial de Santa Luzia (Luziânia/GO) e o Arraial de Meia Ponte (Pirenópolis/GO).

No entorno de Brasília, trechos remanescentes são reconhecidos, com ênfase na estrada que dava acesso ao Posto de Contagem de Três Barras, localizado no interior da Reserva Biológica de Contagem, próximo a Sobradinho, às demais localidades da época, passando pelo Parque Nacional de Brasília. Este posto é considerado o mais antigo estabelecimento público do DF e o ponto mais importante de sua história do período de colonização. Sua instalação se deu pelo interesse da Coroa Portuguesa em controlar o contrabando do ouro produzido na Província de Goiás, sendo relatado que no auge das atividades cerca de 70% da produção não era anotada à coleta do “quinto real”.

Os registros cartográficos antigos são pouco precisos à determinação do local de implantação do Posto, sabendo-se, no entanto, que se encontrava no interior da atual Reserva Biológica de Contagem. Por outro lado, os relatos descritos por naturalistas e expedicionários do século XVIII e XIX são claros em demonstrar que havia ligações entre as vilas instaladas naquele período, destacando-se o Arraial Santana (Cidade de Goiás/GO), que se tornou a capital da Província de Goiás em 1749, decorrente da importância das lavras auríferas em seu entorno.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 – 08: Trecho da DF-001 ilustrando proximidades do local de implantação da Estrada Real da Bahia construída no período colonial. Sobradinho/DF.

GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: () Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; (x) Paisagístico; (x) Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: (x) Sim; () Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: () Fácil; (x) Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

- Histórico/Cultural; Cartografia; Pré-existência de Brasília.

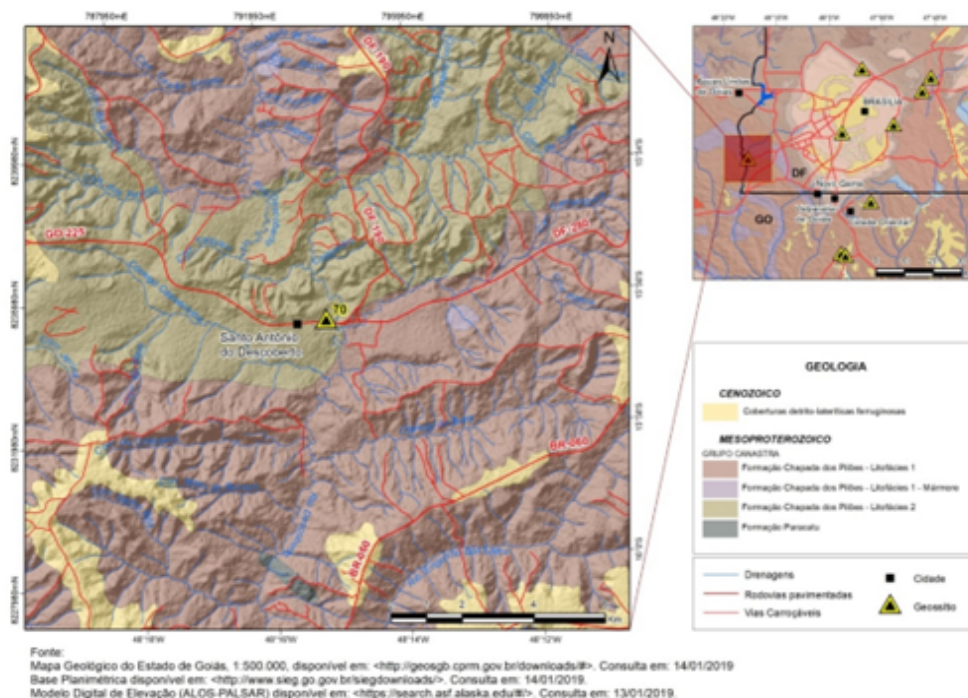
IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO DO GEOSÍTIO Nº 73

- (*1) Trecho da Estrada Real da Bahia - Estrada dos Currais/Estrada Cavaleira ilustrada em Vieira Junior (2010)
e a (*2) Estrada Real em provável cruzamento com a atual DF-001.



GEOSÍTIO Nº 70 : IGREJA DE PÁDUA – SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO/GO				
PONTO	MUNICÍPIO	COORD. UTM (22L)		ELEVÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R8-05	Santo Antônio do Descoberto/GO	193.844	8.235.573	901 m
RELEVO/TOPOGRAFIA		COBERTURA VEGETAL		
Planalto.Vertente do rio Descoberto		Área Urbana. Vegetação primária subtraída.		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

O primeiro naturalista estrangeiro a entrar no planalto central foi Johann Emanuel Pohl em 1818, quando tinha 37 anos. Se tratava de um médico nascido na atual República Tcheca que veio ao Brasil na comitiva da Imperatriz D. Leopoldina, sendo também proeminente botânico e mineralogista que deixou grande legado descritivo de suas viagens ao atual estado de Goiás e Tocantins. Também, em maio do ano seguinte, Auguste de Saint Hilaire chegou à região vindo de Paracatú-MG e passando por Unaí-MG pela estrada do registro dos Arrependidos, a mesma atualmente utilizada como rodovia.

Em visita ao atual município de Santo Antônio do Descoberto no século XIX, assim descreveu Johann Pohl: “...Por causa da abundante produção de ouro, em 1757 foi erigida numa das maiores elevações o Arraial de Santo Antônio do Descoberto dos Montes Claros. Agora nada mais resta deste arraial, a não ser uma igrejainha bem conservada, filial de Santa Luzia, e uma casa, onde nos hospedamos num quarto asseado. A cinqüenta passos de distância corre o profundo e torrencial Rio dos Montes Claros, que nasce em Vendinha e desemboca no Rio Grande.”

A história de Santo Antônio do Descoberto tem sua origem ligada ao ciclo do ouro. O lugarejo foi fundado por volta de 1722, na época pertencente ao arraial Santa Luzia. Relata-se que Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera II, procedente da capitania de São Paulo, chegou à região com sua bandeira composta por 152 membros, incluindo escravos, e tendo como guia Urbano Couto Menezes. Também neste período, outras minas foram descobertas pelo desbravador nos atuais municípios de Goiás Velho, Jaraguá e Cavalcante, no entanto, abandonadas em curto tempo.

A construção da pequena capela em louvor a Santo Antônio de Pádua foi construída por escravos, sendo erigida uma cruz de madeira no alto do morro Santo Antônio dos Montes Claros. Tal denominação diz respeito a uma lenda na qual os escravos acharam a imagem do Santo debaixo de um pé de angico, sendo a capela construída ao lado. Conforme as citações do “julgado das ditas minas de Santa Luzia”, a capela foi erguida entre os anos de 1722 e 1748.

Próximo à capela existiam grandes bancos de cascalho dos quais se lavrou ouro ao tempo da descoberta, tendo o período de declínio ocorrido após 1770, quando a profundidade das cavas não mais permitia o uso de equipamentos rudimentares. Atualmente, os locais de garimpagem se encontram ocupados por habitações e outros degradados pela ação do tempo, sendo raros os vestígios de atividades daquele período, embora fossem significativas.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R8 - 05: Igreja de Santo Antônio de Pádua construída no início do século XVIII. Santo Antônio do Descoberto/GO

GUIA DE CAMPO

- a)** Categoria do Sítio: () Acadêmico; (x) Histórico/Cultural; () Paisagístico; () Socioambiental.
- b)** Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.
- c)** Autorização de Acesso Local: () Sim; (x) Não.
- d)** Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)** Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)** Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)** Fragilidade: (x) Alta; () Média; () Baixa.
- h)** Necessidade de Proteção: (x) Alta; () Baixa.

ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

- Histórico/Cultural; Arquitetônico; Formação do Arraial de Montes Claros.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 70 (*)

